



ARQUIVO PESSOAL

# Adoção

## Uma escolha que se fortalece

Há algum tempo, as pessoas identificavam o ato de adotar como uma forma de caridade ou uma solução para o problema da criança abandonada. Mas à medida que o tema passou a ser discutido, ganhando cada vez mais espaço nos meios de comunicação,

esse quadro mudou, e os preconceitos foram sendo derrubados. A entrada em vigor do Estatuto da Criança e do Adolescente (Eca), que incentivou à adoção legal, foi mais um passo nessa longa trajetória. Segundo o Estatuto, podem candidatar-se à adoção os maio-

res de 21 anos, independentemente do estado civil, contanto que o adotante seja, pelo menos, 16 anos mais velho do que o adotado. Para o juiz da 2ª. Vara da Infância e Juventude de Porto Alegre, José Antônio Daltoé Cezar, faltam crianças para adoção no Rio Grande do

Sul. Há uma média de 10 candidatos a adotantes para cada criança e a espera pela adoção leva de três a quatro anos. Para os que anseiam por uma criança para amar e educar, este pode ser um período muito longo. No entanto, os depoimentos de diversas pes-

soas ligadas à UFRGS que viveram a experiência de adoção comprovam que os laços afetivos se estabelecem de forma rápida e forte. Afinal, o amor entre pais e filhos, sejam eles biológicos ou adotivos, não reconhece limites nem aceita rótulos. **Página central**

EDUARDO DIENSTMANN



## Viajando de bicicleta para conhecer a arquitetura colonial

**Campus** Durante as férias de inverno, estudantes da Faculdade de Arquitetura da UFRGS percorreram de bicicleta a Estrada Real, em Minas Gerais, passando por povoados com prédios históricos, fotografando e fazendo croquis. Foram 500 quilômetros, de Diamantina a

Ouro Preto, parte da rota de escoamento da produção de minérios no Brasil colonial. A viagem deu origem ao projeto de extensão Caminhos, que visa a observar *in loco* a concepção arquitetônica de determinados períodos históricos brasileiros. **Página 5**

## Qual o sentido de ser professor na atualidade

**Debates** O tema discutido na seção Debates é o significado de ser professor, o lugar que ele ocupa no sistema de ensino e como ele pode intervir para transformar o mundo. Os professores Fernando Becker e Malvina do Amaral Dorneles, ambos da Faculdade de Educação da UFRGS, manifestam suas con-

cepções acerca do assunto. Malvina diz que o mestre é um ser que inicia sujeitos nos mistérios do conhecimento, além de ensinar a pensar. E Fernando faz uma provocação, propondo a pergunta: para que serve o professor em um tempo de informação democratizada disponível na Internet? **Página 4**

## O sujeito a serviço da reprodução do capital

**Atualidade** Nas prateleiras, os produtos são cada vez mais específicos e sofisticados, atendendo desejos individuais do consumidor. E se diversificam em sabores, consistências, dimensões e embalagens. “O que está à venda é um ideal de felicidade que se esgota em si e tem que ser substituído constantemente”,

opina a professora Tania Mara Galli Fonseca, do Instituto de Psicologia da UFRGS. O professor André Iribure Rodrigues, da Fabico, lembra que, na perspectiva marxista, a publicidade é a ferramenta usada para o controle do excedente da produção capitalista: “Produzo, logo tenho que vender”. **Página 5**

## O efeito estufa e as mudanças climáticas

**Internacional** Saiba como as discussões sobre que países produzem mais dióxido de carbono atrasam o processo regressivo das taxas de propagação previstas pelo Protocolo de Kyoto. Alterações climáticas que ocorrem em determinada re-

gião do globo podem causar danos em outras. E o Brasil também apresenta sua contribuição para o recrudescimento do fenômeno: só as queimadas para desmatamento na Amazônia contribuem com 75% da emissão total de gases. **Página 10**

## Studio Clio completa um ano



DIVULGAÇÃO/STUDIO CLIQ

**Cultura** O espaço, situado num casarão da Cidade Baixa que já abrigou o Studio Flávio Del Mese, movimenta-se entre o sucesso de público e a falta de recursos que atinge a área cultural no Brasil. Francisco Marshall, professor de História do IFCH e curador cultural do Studio Clio, fala sobre o ineditismo do projeto, seu objetivo e as idéias que estão sendo aplicadas visando à fidelidade do público. As atividades artísticas são bem diversificadas para contemplar todas as modalidades de arte, com programação especial para cada uma. O Studio Clio também é um local de convívio, onde pessoas interessadas nos mais diferentes aspectos da cultura se encontram. Segundo o curador, nada é oferecido gratuitamente, porque a finalidade é mostrar à sociedade o valor que a arte tem. **Página 13**

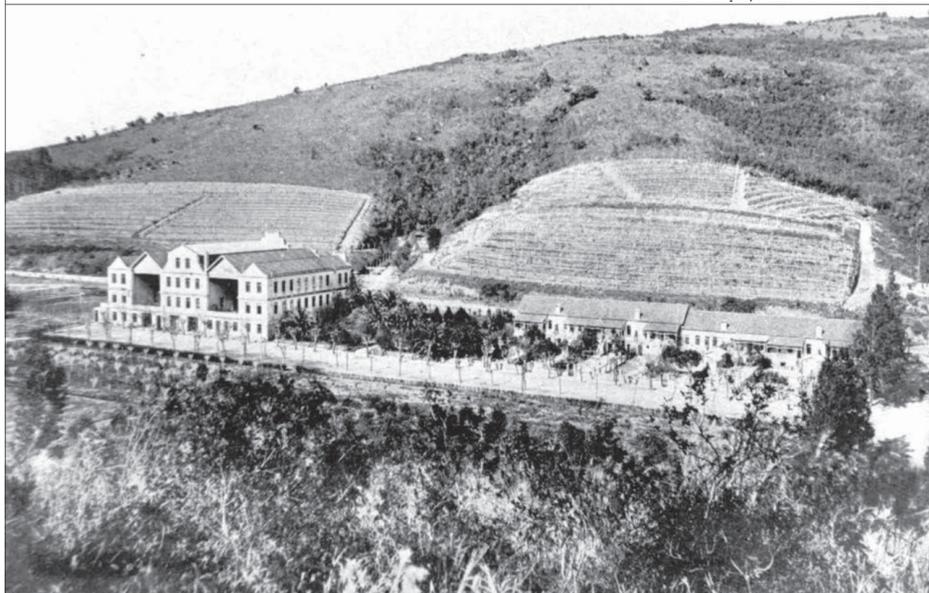
## Cartas

Sou leitora assídua do *Jornal da Universidade*, desde o tempo em que ele começou a circular. Para quem acompanha de perto, é nítido que ele mudou para melhor: mais arejado e com novas seções (Vitrine dos periódicos, Pergunte ao professor e Resenhas) e também com reportagens ligadas à atualidade, sem esquecer de mostrar o que é produzido dentro da universidade. Tenho uma sugestão: gostaria de ler, na página de opinião, artigos dos reitores que já dirigiram a UFRGS.

**Iara da Silva Ramos**  
Porto Alegre

e-mail: [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

## Memória da UFRGS



▶ 1929 Vista geral do prédio principal e dos anexos do Instituto Borges de Medeiros, construído em 1911, na então tranqüila Avenida Bento Gonçalves. Hoje, a edificação, que está incluída no projeto de preservação dos prédios históricos, abriga a Faculdade de Agronomia da UFRGS.

REPRODUÇÃO/ACERVO DO MUSEU DA UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110  
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS  
CEP 90046-900  
Fone: (51) 3316-7000  
[www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br)

## Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

## Vice-reitor

Pedro Cezar Dutra Fonseca

## Chefe de Gabinete

João Roberto Braga de Mello

**Secretária de Comunicação Social**  
Sandra de Deus

## JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria  
de Comunicação Social da UFRGS  
Fone/fax: (51) 3316-3368  
[www.jornal.ufrgs.br](http://www.jornal.ufrgs.br)

## Conselho Editorial

Alfredo Carlos Storck,

César Antonio Leal, Dirce Maria

Antunes Suertegaray, Edson Luiz

Lindner, Helen Beatriz Frota

Rozados, Luis Augusto Fischer,

Márcia Benetti Machado,

Maria Henriqueta Luce Kruse

## REDAÇÃO

## Editora-chefe

Ânia Chala

## Secretária de redação

Sandra Salgado

## Repórteres desta edição

Ademar Vargas de Freitas, Ânia

Chala, Jacira Cabral da Silveira e

Luiz Ricardo Linch (bolsista)

## Projeto gráfico e diagramação

Juliano Bruni Pereira

## Fotografia

Flávio Dutra, Lúcia Simon

e Ricardo de Andrade

## Revisão

Ademar Vargas de Freitas

e Ânia Chala

## Colaboraram nesta edição

Caroline da Silva e Marcelo Spalding

## Circulação

Arthur Bloise

## Fotolitos e impressão

Gazeta do Sul S.A.

## Tiragem

12 mil exemplares

## Espaço da Reitoria

## Inovando na Graduação

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) aprovou em setembro a regulamentação do Programa Especial de Graduação (Peg), que tem por objetivo normatizar a oferta de cursos de graduação não permanentes no âmbito da Universidade. Esta iniciativa, originada na Pró-reitoria de Graduação, e com a decisiva ação e apoio da Câmara de Graduação, estabelece requisitos a serem atendidos por propostas experimentais ou inovadoras neste nível de ensino. O dispositivo contempla diversas ações, já em andamento ou em proposição, apresentadas em nosso Plano de Gestão.

O curso de Biologia Marinha, iniciado no mês de agosto com a

Uergs, estabelece uma parceria inédita entre uma universidade federal e uma estadual, oferecendo à comunidade de nosso litoral norte curso integrado à vocação regional.

Os cinco pólos (Três Cachoeiras, Gravataí, Alvorada, São Leopoldo e Sapiranga) que participam do curso de educação a distância de Pedagogia, voltado à formação de professores em atividade nestas regiões e oferecido pela Faculdade de Educação, correspondem a outra forte ação da Universidade na qualificação do ensino fundamental.

O curso de graduação em Administração, na modalidade a distância, a iniciar-se neste mês em dez pólos no estado, no âmbito da Univer-

sidade Aberta do Brasil (UAB), com financiamento do Banco do Brasil e vagas disponibilizadas à demanda social, estenderá a 500 novos estudantes o ensino qualificado da Escola de Administração.

Soma-se a estas ações já em andamento o projeto Pró-licenciatura, a ser iniciado em março de 2007, disponibilizando nove cursos de licenciatura desenvolvidos por dez universidades gaúchas conveniadas, públicas e comunitárias, num oferecimento total de 2.700 vagas. Menciona-se também o curso de graduação em Licenciatura em Música, oferecido em conjunto com seis outras universidades do país, com 840 vagas, e organizado no âmbito da Universidade pela Secretaria de Educação a Distância (Sead).

As ações acima mencionadas de-

monstram de maneira clara importantes inovações no ensino de graduação. Outras iniciativas, como a regulamentação de estudos complementares na graduação, a dupla diplomação com universidades estrangeiras, bem como o forte incremento na mobilidade estudantil, contribuem para sua contínua qualificação.

Assim, a UFRGS, que tem se destacado no sistema universitário de nosso país pela qualidade e abrangência de sua pós-graduação e por sua reconhecida produção científica, vem estabelecendo sólidas bases para a inovação nas demais atividades da Universidade, como bem expressam os avanços na graduação.

**José Carlos Ferraz Hennemann**  
Reitor

## Artigo

## Um falso problema

A cada campanha eleitoral, a mídia volta ao mesmo tema: o eleitor não se lembra em quem votou nas eleições anteriores. Jornalistas saem às ruas perguntando ao desavisado cidadão em quem ele votou e, voltam para suas empresas com o troféu: uma série de entrevistas que provam que eleitor brasileiro não tem memória, por isto não pode fiscalizar seus representantes. E as conseqüências são as sabidas: corrupção, malversação da coisa pública etc. Culpa de quem? Deste pobre cidadão que, além de batalhar dia-a-dia contra o desemprego, os baixos salários, a violência das ruas, as escolas públicas de baixa qualidade para seus filhos, o elitismo do ensino superior, é ainda o culpado por tudo isto, pois não lembra em que votou, não reclamou, não fiscalizou.

Afinal qual é a importância de lembrar em quem se votou? Qual é a importância de cobrar de seu deputado? A importância é zero. Porque este é um falso problema. A maioria dos eleitores não tem este "seu deputado", pois votou em um candidato que não se elegeu. Nas atuais eleições há 289 candidatos a deputado federal e os quase 8 milhões de eleitores gaúchos devem eleger 31. Fazendo-se uma projeção muito exagerada de que cada candidato necessite de 120 mil votos para se eleger serão necessários 3.720.000 votos, daí que mais da metade dos eleitores não terão deputados federais. Se os estaduais precisarem da metade, 60 mil, sendo 500 candidatos para 55 postos, serão necessários 3.300.000 votos.

Portanto, temos um problema a resolver: como ficam aqueles que não têm deputado? Ficariam dispensados de fiscalizar?

Mesmo que resolvêssemos este problema imaginando um sistema de adoção em que o eleitor que não tivesse elegido seu deputado adotaria um para fiscalizar, a questão continua beirando o absurdo. Este eleitor, para fiscalizar individualmente "seu candidato", deveria conhecer o complexo regimento do Poder Legislativo. Se ele realmente conhecesse o regimento da Câmara dos Deputados, faria a vida dos fotógrafos da política um pouco mais complicada, pois não poderiam repetir mensalmente nas capas dos jornais uma foto do plenário vazio, simplesmente porque isso não quer dizer absolutamente nada.

Nosso cidadão teria de entender o funcionamento das comissões permanentes e especiais, do Conselho de Ética e das CPIs. Em cada uma delas deveria também saber a função dos presidentes e relatores. Ele teria ainda de acompanhar a tramitação dos projetos de seu deputado nas diversas comissões, passando pela de Constituição e Justiça e chegando à que se ocuparia do tema específico do projeto. Além disso, precisaria controlar como o "seu deputado" vota nos projetos de seus colegas, qual seu poder dentro do partido e qual o poder do partido dentro do Legislativo. Mesmo fazendo tudo isto, estaria muito longe de fiscalizar seu deputado, pois ainda teria de fiscalizar todo o material de origem do Executivo, projetos de lei, medidas provisórias, propostas de emendas constitucionais. Faltaria ainda controlar as emendas do seu deputado e, por fim, os funcionários do gabinete.

Que bom para o nosso eleitor que ele esqueceu o nome de seu candidato, ou porque



Depois das eleições é preciso investir na organização da cidadania

FLAVIO DUTRA

não o elegeu, ou porque é um deputado completamente sem importância no Congresso Nacional ou na Assembléia Legislativa (e muitos o são) e por isto não tem espaço na mídia, desaparecendo nos corredores do parlamento.

A solução, portanto, para que haja uma relação mais responsável entre eleitos e eleitores, não passa por mantras simplistas, que só servem para colocar o cidadão brasileiro em um papel de irresponsável o que definitivamente ele não é.

O que o Brasil necessita, como toda a democracia moderna, são instâncias de fiscalização, institucionalizadas ou não, que fiscalizem tanto os temas de interesse geral quanto os de interesse específico de grupos organizados da sociedade. Necessitamos de canais abertos para a fiscalização das políticas públicas e de intervenção do cidadão na sua

própria feita. Grupos voluntários, conselhos, fóruns, ONGs, devem fiscalizar, buscar informações, cobrar, intervir...

Não se trata de imaginar uma sociedade militante, vivendo a política as 24 horas do dia, mas de uma cidadania organizada, exigindo o direito de exercer seus direitos e lutando por novos direitos. Isto já vem sendo feito por muitos movimentos organizados no Brasil, responsáveis por vitórias importantes e por trazerem para a agenda política temas impensáveis até poucos anos atrás.

Com o aprimoramento das instâncias coletivas de fiscalização, teremos uma democracia mais responsável e nosso pobre cidadão não precisará responder a cada eleição se lembra ou não em quem votou.

**Céli Regina Jardim Pinto**  
Cientista política, diretora do IFCH-UFRGS

## Exame previne retardo mental

O Núcleo de Atenção à Triagem Neonatal da Faculdade de Farmácia (FacFar) está promovendo um programa de ação continuada em triagem neonatal, que engloba um ciclo de palestras iniciado em agosto e prossegue até 17 de novembro. Um dos assuntos abordados foi "As implicações psicossociais da fenilcetonúria", com a psicóloga Cláudia Araújo Przybylski, do Hospital Presidente Vargas. Esta doença, detectada através do Teste do Pezinho, é um erro inato do metabolismo e quando tratada precocemente permite que a criança tenha uma vida normal.

O principal efeito da fenilcetonúria é o retardo mental, e o tratamento é feito através de uma alimentação sem carnes, leite e seus derivados e feijão. Além disso, é necessária a ingestão do PKU, um concentrado especial de proteínas. Segundo Cláudia Araújo, toda a criança deve fazer o teste até o quinto dia de vida, pois três meses sem tratamento já determinam efeitos neurológicos, como agitação psicomotora e convulsões.

A parceria entre Facfar UFRGS e o Hospital Presidente Vargas deu certo: o Ministério da Saúde prevê em cada estado brasileiro, no mínimo, um Serviço de Referência em Triagem Neonatal (SRTN), que aloca o laboratório especializado para atender à demanda de recém-nascidos, levados ao Sistema Público de Saúde para realizar o Teste do Pezinho.

A Secretaria Estadual de Saúde designou, em 2001, o Hospital Presidente Vargas como referência em nosso estado e a Secretaria Municipal da Saúde convencionou o laboratório de triagem neonatal da Faculdade de Farmácia, como órgão especializado para executar as análises do Teste do Pezinho, em relação à fenilcetonúria e ainda ao hipotireoidismo congênito primário e à anemia falciforme. Atualmente, a Facfar atende a uma rede de coleta de 986 postos de saúde, aproximadamente 10 mil recém-nascidos/mês. Informações sobre o ciclo de palestras através do telefone 3316-5370.

Arthur Stacke tem quatro meses e faz tratamento desde agosto no Hospital Presidente Vargas



FÁBIO DUINA

## administração ■ Empresa de sucesso

Atualmente contando com o trabalho de 16 estudantes, a PS Júnior é uma organização sem fins lucrativos que presta serviços ao empresariado gaúcho nas seguintes áreas: organização e métodos, planejamento estratégico, marketing, recursos humanos e finanças. É filiada à Escola de Administração da UFRGS, sendo administrada pelos graduandos e apoiada pelos professores. Foi fundada em 1992, constituindo-se como a primeira empresa júnior do

Rio Grande do Sul. Orientada para as necessidades dos clientes, a PS Júnior propõe soluções efetivas para as organizações, e por isso conquistou a confiança do mercado. Hoje é uma empresa madura, que conta com uma relação de mais de 200 consultorias em diversas áreas da administração. O empenho dos alunos e o suporte da Escola de Administração permitem que os projetos sejam oferecidos com qualidade e ao mesmo tempo com preços competitivos.

## extensão ■ Salão teve resultado positivo

Durante o 7º Salão de Extensão, realizado de 24 a 28 de setembro, foram sorteados três prêmios entre os bolsistas que se destacaram nas comunicações orais: um notebook foi entregue à aluna Priscila Marchi Moschen, da atividade "Motivos de adesão ao projeto Celari", coordenado pela professora Diná Pettenuzzo Santiago da Esf. Bernardo Stefano Bercht, bolsista do projeto "Tricomonose em gatos no RS", coordenado por Marcos José Pereira Gomes da Faculdade de Veterinária, ganhou uma máquina fotográfica digital. O terceiro prêmio, um projetor multimídia, foi para o



projeto Serviço de Assistência Jurídica Gratuita (Saju) da Faculdade de Direito, coordenado pela professora Luiza Helena Malta Moll. Ao todo, participaram do Salão 17 universidades da região Sul, mostrando o que existe de melhor nas ações extensionistas.

## homenagem ■ Tania Carvalho: exemplo de dedicação e competência

A professora emérita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tania Maria Franco Carvalho, faleceu no dia 10 de setembro, aos 62 anos, após longa enfermidade. Tania foi casada com o médico Alcides Diniz Carvalho e deixou dois filhos e dois netos. Ela ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFRGS em 1961 e era presidente da Associação Internacional de Literatura Comparada. O discurso feito em sua homenagem pela colega Rita Schmidt, no ano passado, quando a professora Tania recebeu a distinção máxima da Universidade, é um exemplo de sua trajetória: "Sua atuação tem projetado o nome do Instituto de Letras e o de nossa Universidade, o que contribui sobremaneira para qualificar nossa história institucional no cenário nacional e internacional". Graduada em Letras - Licenciatura em Português e Francês e respectivas Literaturas - na UFRGS em 1964, Tania prestou concurso no Departamento de Linguística, Filologia e Teoria da Literatura do Instituto de Letras em 1973. Dois anos mais tarde, seria a primeira mestre titulada pelo Programa de Pós-graduação no mesmo curso.

Doutorou-se em Letras pela USP em 1981 e realizou estágio de pós-doutorado na Universidade de Paris IV (Paris-Sorbonne) em 1993, sendo recebida como professora associada junto ao Departamento de Francês e Literatura Comparada. Professora titular de Teoria da Literatura de 1983 a 1996, Tania Carvalho era docente aposentada do Programa de Pós-graduação em Letras e pesquisadora do CNPq. Ao longo de sua carreira exerceu funções administrativas de chefia de departamento e coordenação do Pós-graduação em Letras por dois mandatos, além de ter participado em diversos órgãos colegiados. Foi sempre atuante em atividades de caráter técnico junto à Capes, como avaliadora de programas, e junto ao CNPq, Finep, Fapesp e Fundação Ford, bem como em atividades científicas. Também integrou o corpo editorial de inúmeros periódicos científicos do país e do exterior. Era reconhecida pela capacidade de agregar colegas e alunos em torno de projetos, colóquios e seminários, além de sua atuação decisiva para a criação de associações nacionais de literatura comparada.

## comunicação ■ TV UFRGS é reconhecida

A Unidade Produtora de TV da Universidade Federal do Rio Grande do Sul teve três programas premiados no Destaques UNIV 2006: o primeiro, trata do laboratório itinerante "Tecnologia com Ciência" do Instituto de Física. Através de uma carreta-palco e usando uma extensa diversidade de linguagens, o laboratório leva à sociedade conhecimento e cultura. O segundo programa contemplado é o dos 25 anos do Projeto Unimúsica, criado em 1981, por iniciativa da Pró-reitoria de Extensão. O terceiro prêmio foi



concedido ao programa sobre o Núcleo de Ginástica Olímpica da Escola de Educação Física. Na cerimônia de entrega dos prêmios foi destacada a programação da TV UFRGS, que completou no dia 26 de setembro um ano de funcionamento.

### Redação e edição

Sandra Salgado | Fone: 3316-3497 | E-mail: jornal@ufrgs.br

## Breves

### Honra ao Mérito

O reitor José Carlos Ferraz Hennemann recebeu da Câmara Municipal de Porto Alegre o troféu Honra ao Mérito proposto pela vereadora Manuela d'Ávila. O ato solene ocorreu no dia 13 de setembro no Plenário Ana Terra. A parlamentar justificou a concessão do troféu ao reitor da UFRGS, afirmando que "o professor Hennemann sempre teve uma vida dedicada à construção e manutenção da universidade pública, gratuita e de qualidade".

### Comunicação

"Capacitação em Comunicação Humana" é o tema do curso promovido pelo Instituto de Psicologia, no período que inicia na segunda quinzena de outubro e vai até dezembro, com aulas às terças-feiras, das 19h30min às 21h. O curso será ministrado pelo professor Sérgio Spritzer, neurologista, especialista em psicologia da inteligência e mestre em distúrbios da comunicação. Informações pelo fone 3311-0692.

### Geociências

A Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, no Peru, concedeu ao professor Rualdo Menegat, do Instituto de Geociências, a comenda Maxima Distinción en la Investigación Calificada.

### Ecologia

Através de um convênio firmado, em 2004 com o Ministério do Meio Ambiente, o Centro de Ecologia está trabalhando no mapeamento de remanescentes de vegetação do bioma Pampa. Como parte desse estudo, o Centro acaba de lançar um CD contendo uma base cartográfica vetorial planimétrica que cobre todo o estado do Rio Grande do Sul. O trabalho tem por base as cartas topográficas do mapeamento sistemático do IBGE e da DSG do Exército e busca facilitar ao usuário o acesso aos principais dados espaciais, na escala 1:250.000. No total, são 29 cartas. O CD contém ainda o software de distribuição gratuita ArcExplorer, ferramenta básica para visualização, com funções de navegação, consultas, entre outras. Informações pelo telefone 3316-6909 ou pelo e-mail hasenack@ecologia.ufrgs.br

### Enquadramento

Cerca de 1.000 servidores técnico-administrativos da UFRGS entraram com recurso junto à Comissão de Enquadramento no Plano de Carreira dos Cargos Técnico-administrativos em Educação (PCCTAE). A Comissão tem 60 dias, a partir da data de entrada do recurso, para apresentar o resultado. Os interessados serão chamados por telefone para receber as orientações pessoalmente.

### Reconhecimento

O projeto resgate do patrimônio histórico da UFRGS foi vencedor do prêmio mais importante do Brasil na área de preservação do patrimônio, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. A cerimônia de premiação será realizada em novembro, em Brasília.

ARTE: ROSÂNE VIEIRA

1 Salão DE GRADUAÇÃO

2 Salão DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

20 a 22 de novembro de 2006 LOCAL: Campus Central UFRGS Programação: www.ufrgs.br/salao



## O SENTIDO DE SER PROFESSOR

A função do professor e o lugar que ele ocupa na sociedade são os temas escolhidos para serem discutidos, nesta edição, por Fernando Becker e Malvina do Amaral Dornelles, ambos da Faculdade de Educação. Aproveitando as comemorações pelo Dia do Professor, o Jornal da Universidade propõe um debate sobre o ensino, e ao mesmo tempo, sobre a escola. Na opinião de Fernando Becker, “a docência deve ser concebida como orientação e invenção de ações”. O contrário disso se refletirá na sala de aula, tornando-a um local de pouca ação, de sonolência e de passividade. Para ele, a aprendizagem é um processo de transformação em que o aluno é personagem principal e o mestre é colocado como responsável pelo desenvolvimento desse processo. Já a professora Malvina afirma que “não nos tornamos educadores impunemente”. Com tais palavras, a educadora analisa a intervenção do professor na vida do aluno em sua missão de educar, além das reflexões epistemológicas sobre esse ato. Segundo ela, o docente educa e se educa na medida em que acolhe as diferentes lógicas de pensamento, bem como as diversidades organizacionais e funcionais. Em sua análise, Malvina Dornelles ressalta a importância do olhar atento às novidades, à mudança de valores, produzindo novos sentidos e novos signos.



REPRODUÇÃO / HART E PANORIO / EDITORA EDUJOIRO

## Nenhuma tecnologia substitui o mestre

Fernando Becker\*

“Aprende-se mais na vida que na escola”. “A escola ensina conhecimentos que nada têm a ver com a prática”. “Ensinar não é necessário nem suficiente para se aprender”. “Só uns poucos egressos da escola vão para a efetiva vida social e produtiva; para os ‘excedentes sociais’ não há futuro”. Ao se ouvir expressões como essas, podemos nos perguntar: Para que escola? Para que professores? Essas e tantas outras afirmações mais ou menos parecidas põem na berlinda esse ícone da modernidade que é a escola e, com ela, o professor.

Nesta época em que o acesso à informação é potencialmente ilimitado (Internet, mp3, DVDs, *You Tube*), pergunta-se: Para que serve o professor? A pergunta impõe-se na medida em que muitos professores encontram-se diante do aluno apenas com giz e saliva, exercendo as funções de pai, mãe, orientador vocacional, psicólogo, nutricionista etc, competindo com avançadas tecnologias de transmissão de dados e de imagens, sem contar com laboratórios ou bibliotecas. Com uma formação, muitas vezes precária, incapaz de construir uma consciência clara de sua função, o professor tem dificuldades para distinguir processo de aprendizagem de processo de desenvolvimento, domínio tecnológico de domínio didático-

pedagógico, informação de formação.

Se professor é alguém que professa (do latim, *profiteri*), que proclama alto e bom som, que revela, declara, ensina, não pode ser reduzido a alguém que se esconde, que se retrai. Embutida nesse conceito, há uma intencionalidade fundamental que não pode ser substituída por qualquer tecnologia. Há um reduto inexpugnável da docência, que nenhuma tecnologia, por mais avançada que seja, é capaz de exercer, que se expressa em perguntas como: Chegamos até aqui, para onde iremos agora? Quem sou e para onde vou? Que sentido tem o mundo? Quais são os meus direitos e responsabilidades na sociedade em que vivemos? Como é o mundo ao meu redor? Qual o sentido da revolução tecnológica atual? A tecnologia está resolvendo os problemas da humanidade, melhorando a felicidade das pessoas, revertendo os danos causados ao meio ambiente? Quem pode fazer tais perguntas e cobrar respostas a não ser o professor!?

Há redutos ainda mais recônditos da função docente. Docência, hoje, deve ser conce-

*Docência, hoje, deve ser concebida como orientação e invenção de ações*

bida como orientação e invenção de ações. Aprende-se porque se faz algo. O que se faz, como se faz, quanto se faz são perguntas que a docência deve responder na prática didático-pedagógica. O lugar privilegiado da escola, a sala de aula, continua a ser um lugar de pouca ação, de sonolência, de passividade, de redução da atividade discente à audição, quando não da interdição da pergunta, da proposta, do dissenso, da discussão. A sala de aula se configura como o extremo oposto do laboratório, que é lugar da pergunta, da hipótese, do teste, da invenção.

Ninguém duvida que aprendemos a andar de bicicleta, nadar, surfar, dirigir um automóvel, andando de bicicleta, nadando, surfando, dirigindo um automóvel. E o sistema nervoso dá cobertura, instrumentalizando-nos, para realizarmos essas ações. Porém, quando se trata de pensar, imediatamente delegamos a alguém o ensino dessa capacidade, como se fôssemos naturalmente incapazes de exercê-la. Entregamo-la ao

professor. Pergunta-se: Como aprenderemos a pensar se não pensarmos? Como progrediremos na arte de pensar, se não pensarmos cada vez mais profundamente sobre temas cada vez mais complexos?

É aí que entra a nova docência. Docência fundada teoricamente, na medida em que conhece o processo de aprendizagem humana e tem consciência das repercussões da ação de pensar, sobre o próprio pensar: ao exercer o pensar, além de constituir novos conteúdos, potencializa-se o próprio pensar. Docência que inventa e propõe ações que desafiem o pensar que passa a ser intensamente exercido pela discência. Essa docência sabe que não deve fazer pelo aluno, que não deve pensar pelo aluno, que não deve aprender pelo aluno. “Pensar é agir sobre o objeto e transformá-lo”, “apreendendo os mecanismos dessa transformação...” (Piaget).

Quem realiza esse processo de transformação? O aluno. E o professor? Ele é responsável por fazer acontecer esse processo e por encaminhá-lo a novos patamares. Nisso o professor é insubstituível. Não há tecnologia capaz de exercer essa função.

\*Professor titular de Psicologia da Educação da UFRGS, doutor em Psicologia Escolar pela USP

## Educar é um ritual existencial

Malvina do Amaral Dornelles\*

O que é um professor todos sabem. Sabem aqueles que tiveram um ou vários professores e os guardam afetivamente, alguns como bons, outros como nem tanto, outros como pior. Sabem aqueles que ainda não tiveram e aguardam o tempo de ter. Sabem aqueles que nunca tiveram e lamentam: ou o que ainda não, que sonha com a possibilidade de, ou o nunca ter tido. No imaginário cotidiano o professor é sabido como aquele que dá aula sobre algum assunto e que transmite algum ensinamento, seja na escola, na universidade ou na vida, seja por diplomação ou por perícia, seja por profissão ou por professor. Em nossa cultura, o professor está identificado aos processos de escolarização, sua presença ou sua ausência torna-se emblemática na vida de todos nós, como um ícone, que anuncia ou denuncia, como um signo, que evoca investidas sócio-culturais diferenciadas.

Assim, não se é professor impunemente. Continuamos implicados na vida de cada ser humano a quem iniciamos nos mistérios e mistérios do conhecer, com quem fundamos a dimensão mágica onde o conhecimento acontece, com quem compartilhamos da liturgia que confere autoridade e autoria e o transmuta naquele que sabe. Independente de qual saber. Em sendo professor, somos

correspondência mítica, ao mesmo tempo *templum* e *tempus*, espaço e tempo, do acontecimento de iniciação ao saber acumulado historicamente, que torna possível a permanência sagrada e profana dos eventos históricos – tais como a sociedade, a cultura, as instituições – e da existência no mundo.

Ser professor é ser um *profissional*. Mas também, é ser um ser que *professa*. Esse enredo etimológico consagra a epifanização institucional e existencial de um ritual de formação que se implica, se explica, se complica, se aplica, com a formação, com a educação do ser humano. O fazer e pensar institucional do professor – o de todos os que nos dedicamos ao fazer e pensar a educação – é aquele de quem *forma-a-ação* do humano, é aquele de quem *educa-a-ação* do humano. É o fazer e pensar institucional de quem *educa-a-dor* do humano, de quem *cuida-a-dor* do humano. Daí ser esse um ritual não só institucional como também existencial, pois o viver de todos nós educadores é um viver o cuidado, entendido como atitude de ocupação, de responsabilidade, de compromisso e envolvimento com

*A presença ou ausência de um professor torna-se emblemática na vida de todos nós*

o outro, esse todos que não somente eu.

Ser professor é ser, pois, um *ser que educa*. Educa a ação, conferindo sentido à institucionalidade do viver, e educa a dor, conferindo sentido à temporalidade existencial da vida. Mas também, é ser um *ser que se educa*. Educa a sua ação, educa a sua dor, ao compartilhar conhecimentos e saberes no estar-junto-com esses todos, com os quais cria e constitui a instituição educativa buscando competência em realizar e atualizar sua vocação maior: a de ser um lugar de formação humana do humano.

Essa institucionalidade de um *ser que educa e se educa* manifesta uma ética cuja magnitude irrompe desde algumas aprendizagens de sensibilidades, tais como o acolhimento às diferentes lógicas de pensamento, às diversidades organizacionais e funcionais, às muitas complexidades e perplexidades da vida e do mundo: um mundo com multiplicidades de valores diferentes e heterogêneos; valores que produzem novos sentidos e novos signos de reconhecimentos e pertencimentos; que constituem, assim, uma

multiplicidade de lugares que engendram novas formas de ser e estar; e, portanto, novas socialidades e novas solidariedades.

Assim, o ser professor que educa e se educa vai se evidenciar e se efetivar numa ética do fazer e pensar ciência e do fazer e pensar as práticas escolares e acadêmicas, as quais contemplam, entre outras tantas, algumas disposições: a de aprender e ensinar a condição humana na sua infinita variedade, em toda a sua consistência, tenuidade, fortaleza, precariedade, potencialidades, vacuidades; a de estar na instituição assumindo a instituição como o lugar ético do cuidado estético e solidário do outro, esse todos que não somente eu; a de considerar que o fazer e o pensar da ciência e o fazer e o pensar das práticas escolares e acadêmicas, além de ser um lugar de produção e aprendizado de conhecimentos, é também um lugar de cultura, de arte, de espiritualidade e de vida; a de pensar e sentir que todas as coisas boas e belas, que vivemos e aprendemos, podem e devem ser compartilhadas.

Pensando todo este dito, o que é um professor todos sabem, o que é ser professor talvez nem tantos.

\*Professora e diretora da Faculdade de Educação da UFRGS

# A vampirização do desejo

**Sedução** *O capital dialoga com o consumidor. Objetivo: reproduzir-se*

**Ademar Vargas de Freitas**

A professora Tania Mara Galli Fonseca, do Instituto de Psicologia da UFRGS, analisa os hábitos de consumo dos brasileiros e diz que o capitalismo atingiu um estado assustador em seu propósito de capturar o fluxo vital de cada um, colocando a subjetividade a serviço da reprodução do capital.

“Associado à cultura do narcisismo em vigor, o capitalismo procede por customização, produzindo bens quase que individualmente. Em lugar da produção em massa, investe na diferenciação, buscando atender a cada um naquilo que lhe é próprio.” Segundo Tania, o sistema acirra o individualismo e ilude o sujeito ao sugerir que sua felicidade pode não depender do vínculo com o outro. Assim, encobre o vazio e a depressão subjacente, estabelecendo um modo de gozo rápido e sugerindo que o importante é ter para não sentir.

A psicóloga diz que o carro que temos, a comida que comemos e a roupa que vestimos representam um modo de ser e de viver, sustentam o nosso imaginário, o nosso ideal. Compramos uma coisa material, mas, na verdade, queremos algo imaterial, que é a forma de vida, o estilo.

Segundo Tania Galli, nunca o capital penetrou tão fundo no corpo e na alma das pessoas, na sua inteligência, no seu psiquismo, no seu imaginário, no núcleo de vitalidade. E isso revela o aprimoramento do capitalismo em conversar com o desejo de cada um, capturando o que cada sujeito tem de específico e singular. Mas essa situação pode nos levar a perceber que é a vida mesma que serve de ponto de apoio para novas lutas e reivindicações coletivas.

**Jornal da Universidade** – Como analisa a época em que vivemos?

**Tânia Mara Galli Fonseca** – O mundo está sempre em transformação, mas destaco a forma acelerada com que essa transformação ocorre atualmente. Hoje, um período de cinco anos já se transformou em passado remoto, e com isso as coisas vão se tornando obsoletas mais rapidamente, não só em termos de bens,

mas também no modo de ser e de viver das pessoas.

**JU** – De que maneira isso ocorre?

**TMGF** – É importante entender que não existe sujeito social independente do mundo em que está inserido. Ele extrai, transforma e se apropria das propriedades do seu ambiente. Todo sujeito é uma dobra de seu mundo, uma espécie de interioridade que se produz como avesso do que lhe é exterior. É como se o que está fora se fechasse dentro de nós, tornando-nos sujeitos daquele mundo dobrado.

**JU** – Isso ocorre em todas as culturas?

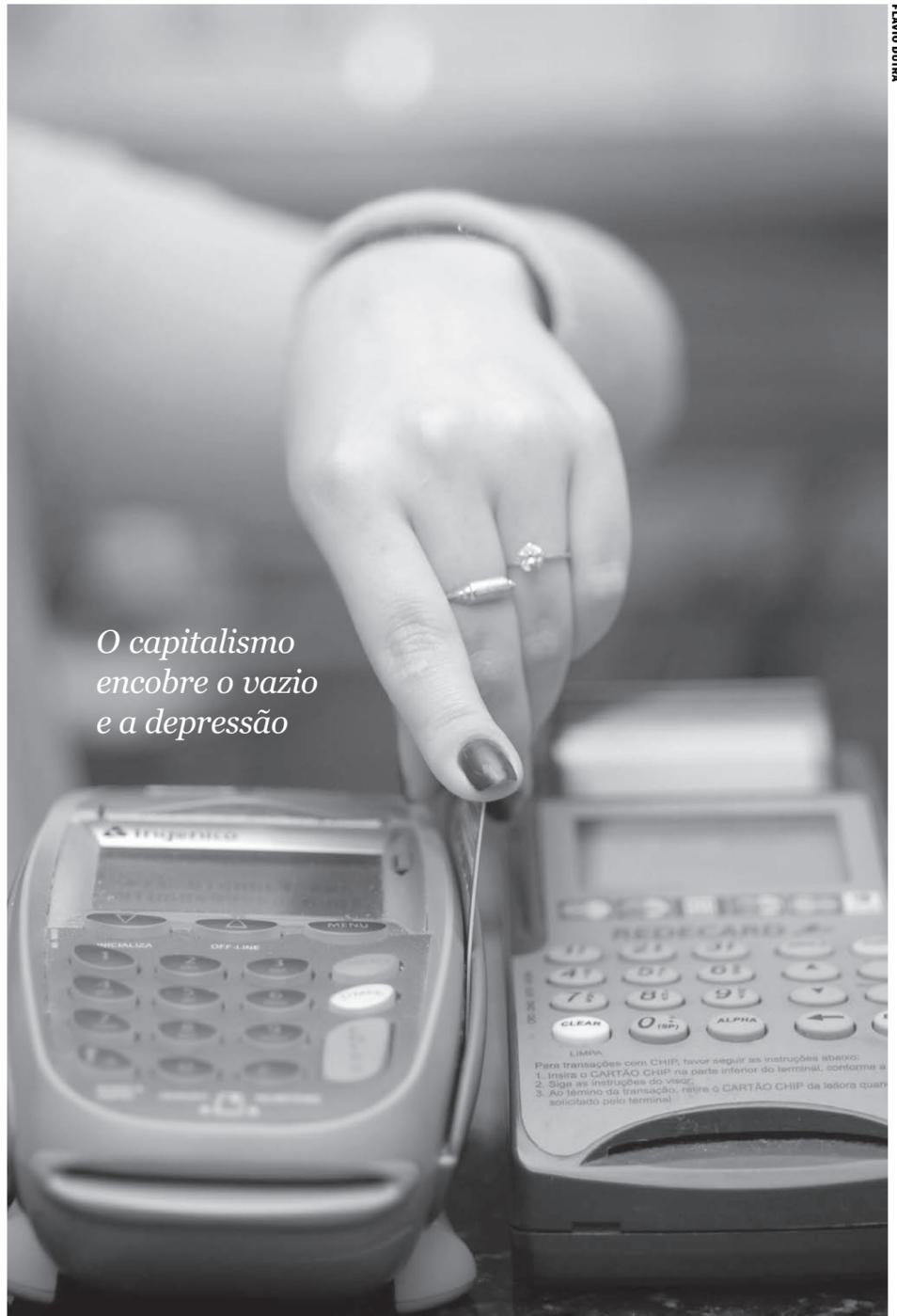
**TMGF** – Cada cultura tem seu próprio regime de produção subjetiva e necessita implantar-se no coração e nas mentes de seus indivíduos. Através de seu modo de ver e de sentir, um indígena kaingang, um homem urbano ou uma criança camponesa vão expressar aquilo que introjetaram do mundo em que estão inscritos.

**JU** – É uma tendência natural?

**TMGF** – Tudo o que nos concerne é fabricado. A cada época corresponde um modo, um regime de canalização dos fluxos vitais. O *socius* nada mais é do que efeito deste modo de dobrar as forças e de dirigi-las. Não se pode pensar como exclusivo de nossa época a captura das forças em prol de interesses alienantes. O que constatamos nos dias atuais é um aperfeiçoamento da captura, sendo que o que fica a serviço do capital é a própria vida e toda a subjetividade.

**JU** – Refere-se à vida biológica?

**TMGF** – Não, quando falo em força vital não estou me referindo apenas à vida biológica. Refiro-me à sinergia coletiva, à cooperação, à inteligência coletiva, pois vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo. Sabemos que o que sustenta a vida corresponde a uma dimensão imaterial, como a de nossos sonhos, de nossa vontade de potência e de saber, de nosso querer ultrapassar-nos. Falar da vida significa admitir incessante movimento em busca de expansão, e estar vivo significa estar vivendo desconfortos. Mesmo as maiores con-



*O capitalismo encobre o vazio e a depressão*

quistas não estancam os fluxos da energia vital, vive-se em constantes pulsações de desejos.

**JU** – A questão do consumo atinge todas as categorias sociais?

**TMGF** – A tendência a adquirir “formas de vida” através do ato de consumir perpassa também os estratos mais carentes da população. Através do consumo de mercadorias, bens e serviços oferecidos, pode-se estar percebendo uma possibilidade de encontrar nas coisas algo da nossa própria alma, algo do modo de ser que se almeja. O universo capitalista se propõe a nós como uma megamáquina de inven-

ção de novos desejos e novas buscas. Ao oferecer uma vida segura, feliz, invejável, o capital cria ilusões de que estaremos a salvo da finitude e da morte.

**JU** – E cobra caro por isso...

**TMGF** – Sim, como nunca tinha feito antes, o capital capturou a vida da multidão, que é esse anseio de estar bem e de estar em união, em conexão com o mundo. Mas, ao mesmo tempo, o pedágio que cobra pela conquista desses bens é quase que impagável. E mesmo quem tem condições de pagar acaba ficando como que com areia entre os dedos, porque aquilo não serve para resolver o

problema básico, o sofrimento.

**JU** – Então, onde está a saída?

**TMGF** – O grande desafio é fazer com que a comunidade descubra suas próprias potências. Eu acredito muito na ideia de que cada um de nós, em todas as escalas, da individual à planetária, tem a sua potência. E só vai sobreviver se se apropriar dessa potência e inventar estratégias para enfrentar o que está acontecendo. Se, de um lado, reconhecemos um poder sobre a vida, temos de reafirmar, de outro, o poder da vida, a potência da vida. Essa seria, ao meu ver, a tarefa ética a ser empreendida em todas as escalas.

## A publicidade e as contradições do sujeito pós-moderno

O professor-assistente do Curso de Comunicação Social da Fabico, André Iribure Rodrigues, afirma que a sociedade está estratificada social e economicamente de maneira que todos têm acesso à publicidade, como receptores, mas nem todos têm acesso ao produto, como consumidores. “Estamos inseridos num sistema democrático baseado na lógica capitalista, que procura satisfazer o consumidor para manter a perspectiva econômica. E a publicidade entra como elemento fundamental para sustentar esse sistema de troca.”

Segundo Iribure, embora a diversificação dos produtos oferecidos atualmente seja uma estratégia para vender mais, ela

traz junto a expectativa de um sujeito pós-moderno que vive a contradição de querer ser único e, ao mesmo tempo, ser parte de um segmento. “Ele busca o que se chama, hoje, em *marketing*, a customização. Quer ser tratado individualmente, e a publicidade procura dar a sensação de que está atendendo cada vez mais à especificidade de grupos cada vez menores.

Mas o consumidor necessita também de elementos de ostentação numa relação simbólica de poder, quer um produto que o inclua em determinado grupo e numa situação de privilégio social. E o *marketing*, utilizando-se da publicidade como ferramenta para se comunicar com o consumidor, vai usar como estratégia diferenciar os

produtos justamente por valores simbólicos que estão além dele, chamando para o que é jovem, moderno.

Mas a questão do valor simbólico tem um lado perverso, alerta Iribure. “Hoje praticamente todos têm um celular básico, mas há celulares super-equipados, que custam 2 mil reais e que são o sonho de consumo de muitos, embora acessíveis a poucos. O que é relativo já que muitas pessoas têm celular mas o utilizam muito pouco, porque não podem pagar pelas ligações.”

Ele observa que cada vez mais se oferecem promoções, que vão gerar mais consumo. A vantagem vai se diluindo e o consumidor acaba gastando mais do que estava acostumado a gastar. “Tanto que,

hoje, o índice de inadimplência do cartão de crédito é muito alto. Oferecem crédito em 12 vezes sem juros e a pessoa começa a comprar, comprar, comprar... e perde a noção do que pode ou não pode, perde a capacidade de verificar se aquele serviço realmente está oferecendo uma vantagem ou não.”

Mesmo assim, Iribure diz que o consumidor não deve ser visto como um ser automatizado e manipulado pela sociedade de consumo. “Ele também é agente do processo. Há momentos em que negocia com a sociedade de consumo em situações em que subverte a lógica. Se existem ícones de consumo caros, como o tênis Nike, que custa 600 reais, também se pode comprar um Nike falsificado por 50 reais. No camelô

se compra por 10 reais uma cópia do DVD do filme do Super-homem, que na loja custa 100.”

Muitas vezes, o consumidor também impõe uma tendência que o mercado não oferecia. Agora se vendem calças rasgadas e desbotadas por 300 reais. A justificativa é que a forma como a peça foi tratada apresenta o *jeans* em estado de velho e com um rasgão que parece ter ocorrido naturalmente. “Isso reproduz a lógica de pessoas que não podem comprar e por isso vão usar um *jeans* até ficar surrado, até rasgar, introduzindo uma moda que acaba sendo absorvida pela sociedade de consumo, mais ou menos na perspectiva da contracultura.”



# Uma porta de entrada para novos talentos

A busca da verdade: na definição do pró-reitor de pesquisa, professor César Augusto Zen Vasconcelos, esse é o papel da pesquisa científica. Isso vale tanto para o campo da ciência pura, em que são elaboradas teorias, quanto para o da aplicada. A UFRGS tem mérito no papel de instituição de pesquisa, graças à amplitude de trabalhos que apresenta. Atualmente, há 619 grupos de pesquisa em funcionamento, que atuam em todas as áreas de conhecimento, e 509 pesquisadores com bolsas de produtividade CNPq. Na mais recente avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes), a pesquisa e a pós-graduação da UFRGS ocuparam o primeiro lugar no país entre as instituições de ensino superior.

Para trazer essa intensa produção ao conhecimento da sociedade, serão abertos, de 15 a 20 de outubro, no Campus Centro, o 18º Salão de Iniciação Científica e a 15ª Feira de Iniciação Científica. Criados com o intuito de oferecer aos jovens oportunidades de entrar no universo da pesquisa, bem como incentivar novos talentos, o Programa de Iniciação Científica e os eventos mencionados buscam o desenvolvimento do amor pela ciência nos jovens. Para este ano, foram aceitos 2.881 projetos, sendo que 1.000 deles provêm de alunos de outras instituições do país e do Mercosul.

A pesquisa científica realizada na universidade ganha projeção dentro de grandes empresas. É o caso do projeto Caracterização e Aplicações Catalíticas de Nanocatalisadores, do professor de química Jairton Dupont, que recebe investimentos da Petrobras. Brenno Amaro da Silva Neto, pós-doutorando em química, que participa dessa pesquisa desde 2003, explica que há forte interesse de petroquímicas no aprimoramento de processos industriais. O grande número de artigos científicos publicados pelo professor Dupont, mais de 150 originados de pesquisas realizadas na UFRGS, deu a ele destaque em matéria da revista Veja como um dos mais proeminentes químicos do país.

Fundamental para a qualificação profissional em algumas áreas é participação de alunos de graduação em projetos de pesquisa. Pedro Migowski da Silva, aluno do oitavo semestre de Química, vê na inicia-

ARTE: DANUSA OLIVEIRA E ABRILIA SUZUMOTO

ção científica uma maneira de pegar as "primeiras manhas", já que a pesquisa é a ênfase na área que escolheu. Integrado ao projeto sobre nanocatalisadores desde 2004, ele já participou de duas edições do Salão de Iniciação Científica. "Foram boas as participações porque, quando tiver que apresentar algum projeto em encontros científicos, já terei mais experiência e desenvoltura para responder às perguntas de uma

banca julgadora."

Bolsas de iniciação científica são procuradas como complemento à formação acadêmica, principalmente por alunos que pretendem continuar seus estudos na universidade através da pós-graduação. O pró-reitor de Pesquisa chama atenção para um papel não tão aparente, mas de igual relevância: "A pesquisa é importante como elemento formador de um cidadão

mais consciente de suas obrigações para com os demais. É por meio da investigação sistemática daquilo que lhe é desconhecido que o jovem cientista aprimora sua capacidade de análise e de crítica da realidade, sendo impulsionado para a busca de respostas a questões desafiadoras, assim como para a inovação, a engenhosidade e o empreendedorismo".

Este ano, integrado ao Salão e à Feira de Iniciação Científica, será realizada a primeira edição do Salão UFRGS Jovem, um espaço para a divulgação das atividades científico-tecnológicas realizadas por alunos e professores da educação básica. A programação diária, das 9h às 18h30min, terá também diversas atrações, como o "sumô de robôs", programa de rádio com pesquisadores, pôsteres virtuais, ilha de imagens, galeria de tecnologias que irão revolucionar o mundo e navegação num espaço que simula um *cibercafé*. Além disso, foi preparada uma programação especial (ver quadro).

Luiz Ricardo Linch, estudante do 8º semestre de jornalismo da Fabco

PROGRAMAÇÃO ESPECIAL	
<b>15 de outubro – domingo</b> 17h – Solenidade de abertura do 18º Salão e 15ª Feira de Iniciação Científica Oficina instrumental: Uakti	<b>18 de outubro – quarta-feira</b> 12h30min – Laboratório de Laser e óptica 18h – Dança de rua: grupo Batida de Rua
<b>16 de outubro – segunda-feira</b> 12h30min – Palestra: Budismo e mecânica quântica 18h – Oficina de grafite	<b>19 de outubro – quinta-feira</b> 12h30min – Mesa-redonda: Ética e Ciência 18h – Exposição: Composição Eletroacústica de Paisagens Sonoras
<b>17 de outubro – terça-feira</b> 12h30min – Oficina de origami 18h – Cinema: documentário Missão Espacial (Discovery Channel)	<b>20 de outubro – sexta-feira</b> 17h – O desdobramento: exercício teatral – Encerramento

## UFRGS terá centro em alimentação escolar

### Saúde

**Órgão funcionará na Faculdade de Medicina, formando nutricionistas e técnicos**

#### Ânia Chala

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) selecionou quatro universidades federais para sediar centros colaboradores em alimentação escolar. UFRGS, UnB, UFBA e Unifesp estão sendo convidadas a criar órgãos que irão acompanhar e auxiliar municípios na melhoria da qualidade dos alimentos consumidos pelos estudantes.

A Universidade foi contatada em julho, através do Curso de Nutrição da Faculdade de Medicina. Segundo a coordenadora da Comissão de Graduação da área, Ilaine Schuch, o Centro terá como ação prioritária capacitar gestores, técnicos e conselheiros em alimentação escolar de todos os municípios da região Sul.

Em setembro, a coordenadora do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Albaneide Peixinho, participou de encontro para expor a proposta à Administração Central da UFRGS. A iniciativa foi saudada pelo reitor José Carlos Ferraz Hennemann como mais uma forma da Universidade contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população.

Para Albaneide Peixinho, os dados sobre a qualidade da alimentação nas escolas ainda são escas-

os. Por isso é importante a criação dos centros colaboradores, que servirão para oferecer um quadro da realidade brasileira nesse setor. Ela acredita que o trabalho dos centros fornecerá ao Programa uma visão global para que se possa agir de acordo com as especificidades de cada região.

"Hoje, se fazemos uma seleção de amostragem dos cardápios oferecidos nas escolas e não conhecemos, por exemplo, a realidade da produção do Norte, como saber se aquele cardápio condiz com os hábitos daquela população, se o preço daqueles alimentos não está superfaturado? Só se houver pesquisas que nos subsidiem nessa área."

Entre as metas para 2007 está a capacitação de 615 nutricionistas, 500 merendeiras e 1.000 conselheiros da região Sul, além do oferecimento de um curso de especializa-

ção em alimentação escolar.

A aplicação dos meios investidos na alimentação escolar é outro aspecto em que os centros deverão colaborar. "Queremos o uso mais racional dos recursos, com um melhor aproveitamento das produções locais, respeitando as características de cada região e objetivando a promoção da saúde dentro da educação", diz Albaneide, para quem tais iniciativas levantam a auto-estima dos indivíduos e, de certa forma, geram emprego e renda.

"Em última instância, através de um programa centrado na escola, promovemos a qualidade de vida do cidadão. Envolvermos os escolares, os professores, as merendeiras, os pais, as prefeituras, os governos estaduais. Não podemos ficar focalizados unicamente nos escolares, porque aí é que acontecem os problemas", conclui a coordenadora.

### Vitrine dos periódicos

#### Em Pauta

V. 16, nº 27 – julho/dezembro de 2006 – Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Música  
Editora: Jusamara Souza  
R\$ 12



A revista reúne seis artigos que abordam desde a linguagem utilizada pelo teórico e

musicista Jean Phillippe Rameau até as pesquisas na área de educação musical com o auxílio do computador. Destacamos o texto da professora Rose Marie Reis Agrifoglio sobre "O pezinho nos Açores e no Rio Grande do Sul", gênero que inclui canto e dança, e integra o repertório musical das pessoas de diversas idades, tanto no Brasil quanto em Portugal. A pesquisa foi desenvolvida a partir de obras literárias, incluindo registros sobre os usos e costumes relacionados às festas, além de utilizar transcrições musicais e coreográficas de diferentes "pezinhos" que foram encontrados. O artigo Os instrumentos musicais no processo de expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, de Marcos Holler, registra o uso de instrumentos em cerimônias religiosas e eventos profanos, apesar da restrição aos instrumentos musicais expressa nos documentos da Companhia de Jesus. A pesquisa em documentos históricos comprova que o uso de instrumentos nas aldeias era tolerado, ao passo que nos colégios dos jesuítas o único instrumento permitido era o órgão.

#### Avaliação

Ano 11 – V. 11, nº 1 – março de 2006 – Revista trimestral da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior (Raies)  
Editor: José Dias Sobrinho  
R\$ 9,60



A publicação apresenta textos que tratam dos mais atuais problemas que atravessam a educação superior e sua

avaliação. O texto de abertura, de Burton Clark, um dos mais conhecidos estudiosos da educação universitária, defende a ideia de que as universidades devem se tornar empreendedoras, buscando em diversas fontes os recursos necessários para sua sobrevivência e desenvolvimento. Em outro artigo, Francisco de Paula Marques Rodrigues, propõe uma reflexão a respeito de um critério de avaliação de cursos fundamentado no rendimento acadêmico de alunos, com base em uma abordagem quanti-qualitativa. Segundo o autor, a avaliação institucional deve detectar os problemas específicos de cada instituição ou curso e instaurar os mecanismos para superá-la. Um dos problemas apontados é a evasão, correlacionada com o baixo rendimento acadêmico.

# Estudando no lombo da bicicleta

**Extensão** *Alunos da Arquitetura pedalam por rotas históricas brasileiras*

**Jacira Cabral da Silveira**

Assim que Bruno terminou a apresentação, Eduardo foi ao seu encontro e disse: “Quero participar da próxima viagem ciclística pelo Brasil”.

Bruno César Euphrasio de Melo é estudante do nono semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS e desde 2005 já pedalou mais de dois mil quilômetros, percorrendo as mesmas estradas que, no século XVIII, conduziram tropeiros do Rio Grande do Sul a Minas Gerais, levando mulas para servir de força motriz no transporte de cargas e minérios, como ouro e diamante. “A bicicleta é a mula moderna”, brinca.

No final de agosto, foi Eduardo Dienstmann, colega de curso de Bruno, que ajudou a contar para uma platéia repleta de curiosos a viagem de 11 dias que fizeram nas férias de julho, quando pedalaram 500 quilômetros de Diamantina a Ouro Preto, primeira etapa da Estrada Real. Esta viagem encerrou a parte mineira da rota de escoamento da extração de minério no Brasil colonial.

Um ano antes, Bruno havia feito sozinho a primeira etapa deste trajeto, indo de Mariana a Parati. Em 2005, ele e um amigo, estudante de sociologia, realizaram a parte sul do circuito econômico da mineração, percorrendo cerca de 1.500 quilômetros, de São Borja a Laguna, voltando a Porto Alegre. Por estes caminhos, os tropeiros conduziam as mulas à Feira de Sorocaba, em São Paulo, e ao estado de Minas Gerais. Devido às condições do relevo e à rusticidade das estradas, somente aqueles animais conseguiram trafegar na região. “Elas são baixinhas, atarracadas, têm casco duro e são bem equilibradas”, explica Bruno.

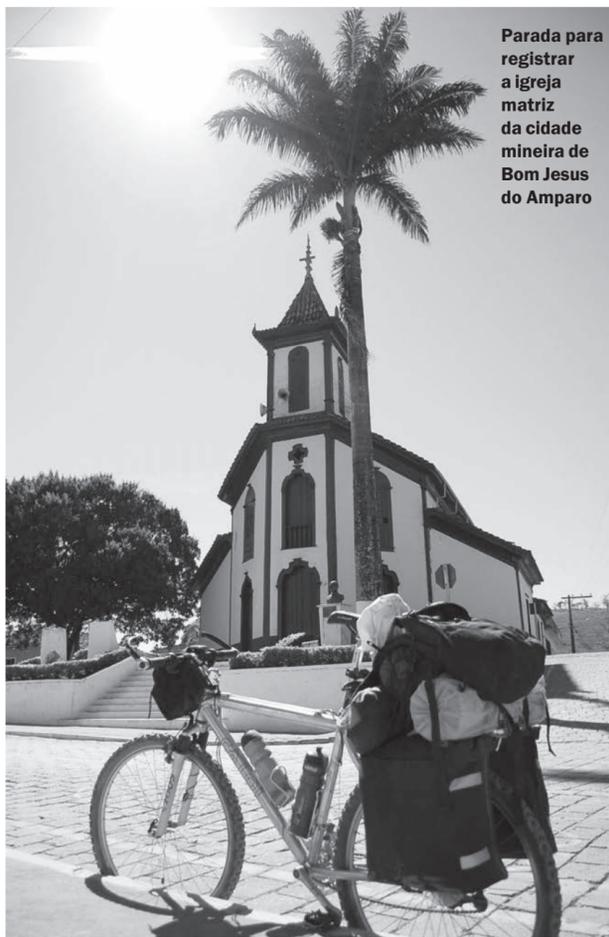
Por isto, costuma argumentar que não foi aleatória a escolha da bicicleta como meio de transporte nesta aventura. Independente de ser um dos elementos de sedução a mais nestas viagens de estudo, as bicicletas têm uma escala semelhante à das mulas. Tanto no selim da bicicleta quanto no lombo da mula, têm-se o mesmo alcance de

vista e a mesma proximidade do solo para observações mais detalhadas. Além de serem econômicas e adaptarem-se ao relevo.

**Todos podem participar** – Devido ao sucesso, a partir de agora as viagens de estudo e pesquisa serão um projeto de extensão destinado a estudantes universitários, especialmente aos do curso de Arquitetura e Urbanismo, pois o principal objetivo é conhecer *in loco* a concepção arquitetônica de determinado período histórico brasileiro. As bicicletas continuarão sendo o meio de transporte principal, uma vez que permitem uma observação mais detalhada. Os registros seguirão sendo feitos através de anotações, croquis e fotos, resgatando tanto a arquitetura de prédios quanto as alterações na paisagem cultural ao longo dos anos.

Segundo o diretor da Faculdade de Arquitetura, José Albano Volkmer, também coordenador do projeto, através de atividades como esta, os estudantes tomam consciência da realidade sócio-econômica de cada período histórico e de sua conseqüente produção arquitetônica. Na atual fase de planejamento da próxima viagem, a proposta é montar uma rede de contatos dos interessados em conhecer ou mesmo participar do programa. Para isto, basta enviar um e-mail a [caminhosdoriorgrande@yahoo.com.br](mailto:caminhosdoriorgrande@yahoo.com.br) ou telefonar para (51) 3316-3116.

Na avaliação de Albano, a iniciativa de usar a bicicleta como meio de transporte desencadeou uma série de ações no curso de graduação, tendo como foco o debate e a divulgação da necessidade do planejamento de ciclovias nas cidades e estradas estaduais e federais. Uma das atividades previstas para 2007 é o passeio ciclístico em comemoração aos 55 anos da Faculdade, quando os participantes irão pedalando até a vila dos pescadores em Tapes, onde 70% da população se desloca com bicicleta, embora não haja qualquer planejamento urbano para esta modalidade de transporte. “Será também um protesto”, completa o diretor.



Parada para registrar a Igreja matriz da cidade mineira de Bom Jesus do Amparo

EDUARDO DIENSTMANN

## Rotina diária

Já estavam todos na rodoviária de Porto Alegre com suas bicicletas devidamente encaixotadas, só esperando que o motorista os autorizasse a guardar os volumes no bagageiro para rumar a São Paulo e de lá até Diamantina, de onde prosseguiriam “no lombo das bicicletas”. Era o mês de julho e fazia frio naquela noite.

Logo de início, Bruno foi obrigado a abandonar a viagem porque adoeceu, e Jonas, porque perdeu a máquina fotográfica profissional. Mesmo assim, eles chegaram a participar das primeiras pedaladas. E foi o suficiente para o grupo notar a determinação e o perfil metodológico de Bruno. “Por ele, a gente acordaria às seis e meia da manhã pra começar a pedalar lá pelas sete.”

Depois das deserções inevitáveis, o dia passou a começar às 9h. Por dia, Glauco e Eduardo pedalavam cerca de 50 quilômetros em quatro horas. Além das paradas de registro, só interrompiam a viagem para descansar e fazer um lanche. No final do dia, quando procuravam um lugar para dormir, conversavam com as pessoas, conheciam suas histórias. Geralmente, gastavam 15 reais na hospedagem com café da manhã, e o mesmo durante o dia. As surpresas do caminho acabaram por incluir uma ou outra cidadezinha a mais no roteiro. Bruno lembra o impacto que sentiram diante de estruturas estúpidas como a

Igreja de São Francisco de Assis, com obras de Aleijadinho: “É uma coisa fenomenal! Os livros não passam a dimensão verdadeira”.

Mais simples, porém não menos belo foi o casario que encontraram em povoações como São Gonçalo do Rio das Pedras. Além do sugestivo acervo histórico, São Gonçalo é conhecida pela festa anual do Rosário dos Pretos. Durante uma semana inteira, a população, descendente de quilombolas, cultua a imagem de Nossa Senhora do Rosário, figura principal da festa.

À medida que a viagem avançava, a capacidade de observação dos arquitetos-ciclistas foi aguçada. Glauco, observando a regularidade entre as cidades coloniais, identificou os anéis populacionais em torno do embrião das cidades, onde se concentram os prédios mais antigos. Mas o que chamou mais a sua atenção foi o surgimento de um novo anel, em torno deste último, onde se percebem traços de favelização. “Só conhecíamos os centros históricos.”

Para Bruno, observações como estas fazem parte da formação do arquiteto. Mesmo que não resultem de imediato em trabalhos e projetos, são referências fundamentais no imaginário de cada um. “Grande parte dos estudantes brasileiros têm interesse na arquitetura de países que influenciaram a nossa, mas, para mim, é importante me reconhecer na arquitetura brasileira.”

## Antes da partida

Pedalar antes ou depois de estudar para a prova, eis a questão. Quanto mais se aproximava o final do semestre, tanto mais Bruno, Eduardo, Glauco e Jonas buscavam organizar o tempo, cumprindo as tarefas da Faculdade e preparando-se fisicamente para a viagem. No caso de Eduardo, ciclista experiente, a solução foi imediata: continuar vindo para a UFRGS de bicicleta. Bruno carregava a experiência das viagens anteriores, mas Glauco Pachalski e Jonas Henriqson, ambos do sétimo semestre, só

pedalavam por lazer. Antes da partida, pesquisaram mapas, revisaram a história, traçaram rotas e cronogramas. O professor Albano telefonava com frequência para saber como e onde seus alunos estavam, talvez com vontade de estar com eles, ou mesmo resgatar o passado de seu avô, que foi tropeiro por estas mesmas estradas. Contabilizando, o custo maior da viagem foi com a revisão das bicicletas e com as passagens: cerca de 60% do total. Em média, cada um gastou em torno de 1.500 reais.

**Croqui de Glauco Pachalski, aluno que se aventurou pela Estrada Real, em Minas Gerais**



## Pergunte ao professor ?

**Que materiais estão por trás dos objetos do nosso dia-a-dia?**

Se tivermos apenas a preocupação de identificá-los, a resposta a esta pergunta é bastante simples. Para efeito de classificação, tal como praticada na indústria e adotada despercebidamente por nós todos sem muita dificuldade, os materiais são classificados em três grupos: metais, cerâmicos e plásticos (ou poliméricos). Um quarto grupo é o dos materiais compostos, uma combinação entre materiais de grupos diferentes na mesma estrutura interna (por exemplo, *cermet*, combinação cerâmica-metal).

Podemos, porém, identificar os materiais de acordo com o grau de desenvolvimento tecnológico neles embutidos. A indústria tem fornecido à sociedade moderna bens de consumo cada vez mais sofisticados, de melhor qualidade, em geral, menores, mais leves e de menor preço. E os materiais têm sido um dos principais, senão o principal, carro-chefe desse desenvolvimento.

A relação entre o homem moderno e os materiais é mais bem compreendida a partir do ciclo global dos materiais. A Terra é a fonte de todos os materiais, assim como seu depósito. Por meio do beneficiamento, da purificação, do refinamento, da extração e de outros processos, essa matéria-prima bruta é convertida em matéria-prima básica, que são metais, produtos químicos, papel etc. Com o processamento subsequente, a matéria-prima básica é transformada em matéria-prima industrial, que é então trabalhada através de processos de fabricação e montagem em novas formas ou em peças que, por sua vez, compõem o produto final. Este, ao esgotar sua vida útil, é finalmente devolvido na forma de sucata, entulho ou resíduo para a Terra; ou então, é desmontado ou reciclado para propiciar matéria-prima básica, realimentando o ciclo dos materiais.

O homem está continuamente abrindo caminhos diferentes ao longo do ciclo global dos materiais por meio de pesquisas, que levam a novos materiais e a novas aplicações; daí a novos padrões de demanda e de consumo de materiais. O objetivo de um curso de Engenharia de Materiais, como o oferecido pelo Departamento de Materiais da Escola de Engenharia da UFRGS, não é somente a formação de recursos humanos, que possam com a consciência necessária produzir, utilizar e reciclar materiais, mas também dar suporte científico e tecnológico ao setor produtivo, para que este aumente sua competitividade dentro de uma economia globalizada, sem esquecer sua parcela de responsabilidade dentro do ciclo global dos materiais.

**Carlos Pérez Bergmann**  
Professor do Departamento de Materiais da Escola de Engenharia da UFRGS, pesquisador do CNPq

# Adoção de crianças

## Favorecida por mudanças de comportamento

Ânia Chala

A adoção já foi vista com grande preconceito por parte da sociedade brasileira, tanto que os casais que tinham filhos adotados ocultavam essa condição não só dos amigos e familiares como das próprias crianças. Felizmente, esse quadro está mudando, pelo menos é o que relata José Antônio Daltoé Cezar, juiz da 2ª. Vara da Infância e Juventude de Porto Alegre, que trabalha na área desde que ingressou na magistratura. Assim como ele, Marlene Sauer Wiechoreki, presidente da Fundação de Proteção Especial do Estado do Rio Grande do Sul (FPERGS), entende que a mudança na cultura da adoção é um processo lento, mas irreversível.

No entanto, o juiz acredita que as mudanças mais importantes não resultam das leis e sim da modificação da cultura. “Nos últimos anos, tivemos uma alteração significativa nas pessoas que procuram a adoção e hoje já se faz adoção tardia de crianças entre quatro e sete anos, de grupos de irmãos e, ainda com muita dificuldade, de crianças com sofrimento psíquico ou neurológico ou portadoras do HIV, coisas impensáveis anos atrás”, diz ele.

Na avaliação do magistrado isso ocorreu porque o tema da adoção passou a ser muito discutido, ganhando cada vez mais espaço nos meios de comunicação. A atuação das organizações não-governamentais também levou ao crescimento do número de candidatos a adotantes. Além disso, alguns velhos mitos foram quebrados, como a adoção por casais homossexuais.

Ao contrário do que muitos imaginam, casais heterossexuais não têm preferência, e pessoas solteiras, divorciadas ou viúvas também podem candidatar-se à adoção. Os dados divulgados no site do Juizado da Infância e Juventude do Estado do Rio Grande do Sul ([http://jj.tj.rs.gov.br/jij\\_site/jij\\_site.home](http://jj.tj.rs.gov.br/jij_site/jij_site.home)) sobre os pretendentes a adoção em todo o estado mostram que há 3.855 inscritos, dos quais 91,05% são casais, 6,49% são mulheres solteiras e 1,22% são mulheres separadas. Só em Porto Alegre, há 280 crianças e adolescentes aptos para adoção, enquanto existem 333 pretendentes habilitados.

Conforme a presidente da FPERGS - órgão que atua em parceria com os Conselhos Tutelares, o Juizado da 2ª. Vara da Infância e Juventude e com o Ministério Público - crianças e adolescentes portadores de necessidades especiais geralmente são adotados pelos próprios funcionários dos abrigos, que criam vínculos afetivos com eles.

**Os tipos de adoção** – Há dois tipos de adoção legal: o primeiro é o das crianças e adolescentes que estão em abrigos, cujos pais biológicos foram destituídos do pátrio poder, isto é, perderam a guarda legal de seus filhos. O outro é aquele em que as crianças foram entregues pelos pais a famílias conhecidas, e já existe uma situação definida há muito tempo. “Quando essas famílias decidem fazer a adoção legal, a Justiça costuma agir no sentido de regularizar a situação”, esclarece o juiz, lembrando ainda que a lei recomenda a concordância do adotando com o processo de adoção a partir dos 12 anos.

Existe também a chamada “adoção à brasileira”, na qual os adotantes simplesmente registram a criança com se fosse seu filho biológico. Além de constituir-se em crime de falsidade ideológica, essa atitude embute uma série de riscos, tanto para os adotantes quanto para os adotados, uma vez que não foram seguidos os procedimentos legais para a adoção plena. O Juizado não dispõe de dados estatísticos



**Família** A adoção vence preconceitos e se torna uma opção cada vez mais aceita

sobre essa modalidade de adoção, mas sabe-se que ela é ainda bastante comum, principalmente em municípios do interior.

De acordo com Daltoé Cezar, o abrigo é uma medida de proteção aplicada quando a família não tem condições de ficar com a criança. Quando eles vão para o abrigo, o Ministério Público entra com uma ação de destituição do poder familiar para definir juridicamente a situação dessa pessoa para que, depois, se consiga procurar uma família substituta. O juiz destaca que sem essa medida não pode haver adoção legal. “Mas esse procedimento envolve advogados e, no mais das vezes, as pessoas usam de todos os recursos e não concordam com essa possibilidade. Esse é um dos fatores que faz demorar o processo de adoção.”

Quem está na linha de frente do abrigamento de crianças e adolescentes é o Conselho Tutelar, o órgão competente para aplicar essa medida de proteção. Antes da ação de destituição ser ajuizada, a primeira iniciativa é buscar reorganizar aquela família para que a criança possa voltar a viver com seus pais biológicos.

Segundo o magistrado, Porto Alegre dispõe de uma boa estrutura, que permite a realização dos processos de adoção mais rapidamente. “Temos varas especializadas, com assistentes sociais e psicólogos. No interior, geralmente há mais dificuldade, porque os juizes trabalham em todas as áreas e não dispõem sequer de estruturas técnicas para auxiliá-los nesse trabalho.”

Na opinião do juiz, o processo de adoção não é demorado. “A pessoa que procura o juizado para se candidatar como adotante, possivelmente em 60 dias estará habilitada. O que demora é aparecer essa criança para adotar. No Rio Grande do Sul, há uma média de 10 candidatos a adotantes para cada criança, e a espera pela adoção leva de três a quatro anos.” Daltoé Cezar acrescenta que, depois que a criança é colocada em uma nova família, é feito um acompanhamento do estágio de convivência, que dura de 30 a 60 dias. Mas nos casos de recém-nascidos esse período nem sequer é fixado.

Além disso, a criação de um cadastro eletrônico ajudou a encurtar o tempo de espera. O cadastro atualizado na Internet permite que se faça uma seleção, mantendo a prioridade da ordem de inscrição dos adotantes. Existe

um cadastro unificado de crianças para adoção legal em todo o Rio Grande do Sul, e há inclusive um convênio do estado com Santa Catarina que disponibiliza os cadastros para adoção. No entanto, até agora, nenhum casal gaúcho adotou crianças de Santa Catarina, mas já houve três ou quatro casais catarinenses que adotaram crianças do Rio Grande do Sul.

Em Porto Alegre há 1.400 abrigados, dos quais 60% têm mais de 12 anos. “Esses, as pessoas não querem adotar. Por outro lado, nem sempre o adolescente quer ser adotado, porque ele tem vínculos com a família. Ele pode ter tido um pai mal-tratante, mas é aquela referência que organiza a sua vida.”

Outro grande problema são os irmãos. “Às vezes temos quatro ou seis crianças com vínculos entre elas e isso dificulta a adoção.” O juiz esclarece que o Estatuto da Criança e do Adolescente recomenda que esses laços sejam mantidos, mas às vezes o ideal não é o possível. Existem casos de destituição do poder familiar nos quais, no meio do processo, nasce mais uma criança. “Quando se verifica que não há condições de mantê-la com a família, a Justiça procura fazer com que não se estabeleçam vínculos entre esses irmãos, para que aquele que nasceu depois não tenha um impedimento dessa ordem para poder ser colocado em famílias substitutas”.

**Adoção internacional** – Daltoé Cezar informa ainda que apenas dois dos 10 juizados regionais gaúchos trabalham com adoção internacional: Porto Alegre e Santa Cruz do Sul. “Como se alterou o padrão do adotante no Brasil, e hoje crianças maiores já são adotadas por casais brasileiros, estamos priorizando a colocação dessas crianças em famílias daqui. Por isso, se faz cada vez menos adoções internacionais. No ano passado, houve apenas 10 adoções desse tipo.” Quanto aos casais de brasileiros que buscam crianças para adoção em outros países, movimento que tem crescido nos últimos anos, Daltoé Cezar acredita ser necessária uma alteração na legislação. “Há problemas, porque temos recebido crianças de países que não ratificaram a convenção internacional de Haia. Além disso, existe toda uma questão formal que envolve o ingresso da criança no país”, conclui o magistrado.

## Idealização gera sofrimento

Os dados do Juizado da Infância e Juventude revelam que boa parte das pessoas ainda têm preferência por bebês, mas mesmo aqueles que se dispuserem a adotar crianças de 4 ou 5 anos não irão encontrá-las imediatamente. “A escolha de raça e sexo ainda predomina, mas este é outro aspecto que procuramos modificar. Crianças com saúde, não sendo de grupo de irmãos, com idade até 5 ou 6 anos, conseguem colocação relativamente rápida em famílias substitutas”, revela Daltoé Cezar.

Sandra Helena de Souza, diretora técnica da Fundação de Proteção Especial do Rio Grande do Sul diz que é raro uma criança estar apta para a adoção legal ao nascer, porque, além do processo de destituição ser moroso, é necessário tempo para avaliar profundamente a situação, esgotando as possibilidades de se encontrar membros da família da criança que possam assumir sua criação. “É preciso que as pessoas compreendam que não é possível se precipitar uma decisão dessa natureza, que irá repercutir por toda a vida dessa criança. A morosidade é na verdade um tempo de avaliação e amadurecimento. Um tempo para que se possa ter certeza de que aquela adoção dará certo.”

Para o juiz Daltoé Cezar a adoção cria uma relação muito positiva, porque os adotantes se prepararam, pensaram no assunto, esperaram. Contudo, ele chama a atenção para um dado: a adoção vai resolver apenas cerca de 5% dos casos de pessoas abrigadas.

Por isso, é preciso descobrir outras formas de melhorar a família, e iniciativas como os programas de apadrinhamento afetivo, são muito importantes e bem-vindas. Embora os padrinhos muitas vezes não queiram necessariamente adotar, do ponto de vista das crianças é muito bom saber que existe alguém fora do abrigo que pensa nelas e se lembra de visitá-las.

Na interpretação do juiz, muitos dos casos de abandono de crianças e adolescentes seriam evitados se o país tivesse uma política de planejamento familiar. “O problema é que, cada vez que se fala no assunto, surgem acusações de tentativa de esterilização em massa dos mais pobres. A pessoa pode trocar de sexo e fazer o que quiser com sua vida, mas tem que esperar até os 25 anos de idade e se submeter a toda uma burocracia para dizer que não quer ter filhos. Enquanto aos 16 ela pode votar.”



LÚCIA SIMON

*A adoção cria uma relação muito positiva, porque os adotantes se preparam, pensam no assunto e esperam*

## Histórias de adoção

O Jornal da Universidade foi buscar o relato das experiências de adoção de pessoas que foram ou são ligadas à UFRGS. Para preservar a privacidade dos envolvidos e proteger as crianças, os nomes foram intencionalmente omitidos.

### Presente de natal para um casal de ex-alunos

“Parecia que tudo tinha começado com uma longa espera, uma gestação de 32 meses. Tudo era a infundável espera, a burocracia, a lista que não avançava. Mas o verdadeiro começo foi um pacotinho. Assim o chamávamos, logo que entrou em nossa vida, depois de um telefonema da assistente social da Vara da Infância, avisando: ‘seu filho chegou venham buscá-lo’.

Fomos ao abrigo, num misto de susto, medo e alegria, e nos mostraram um quarto com muitas camas de solteiro. Olhamos e só vimos camas, e sobre algumas delas brinquedos, pacotes, roupas. Um dos pacotes era ele. Olhou para o pai, que o tomou nos braços, como se o conhecesse desde sempre, e daí em diante conserva o mesmo olhar que penetra a alma do outro, pergunta sobre o mundo, quer saber e quer conhecer.

Depois disso, a espera se dissolveu no tempo, e ficou somente nosso filho. O verdadeiro começo foi aquele olhar, e é ele que marca a presença deste pacotinho maravilhoso em nossa vida. No início ele mamava, chorava e olhava no fundo dos olhos da gente. Hoje, já se arrasta pela casa e balbucia coisas, sempre olhando curioso, direto na alma, como quem pergunta (o quê? Não sabemos). Quatro meses depois, ele já recebia o registro com nosso nome. Claro que contaremos para ele a respeito da adoção, porque cada um precisa conhecer os detalhes de sua própria história. Para nós, entretanto, é um filho como qualquer filho, sangue do nosso sangue, fruto do nosso amor. Um pacotinho que ganhamos de presente de Natal.”

### Mãe desde o primeiro dia

“Minha experiência não foi muito diferente da de uma mãe biológica. O bebê não tinha 24 horas de vida quando eu o peguei em meus braços e, a partir dali, ele era meu filho. Foi a melhor coisa que fiz na vida. Hoje em dia ele é uma criança parecida comigo, tanto fisicamente quanto em termos de comportamento. Meus amigos o adoram, e minha casa vive cheia. Todos os pais dos amiguinhos dele são muito mais jovens do que eu, e isso é interessante, porque criei um novo círculo de amizades com pessoas que não têm uma vida profissional e pessoal estabelecida como já tenho.

Todos sabem que ele é meu filho do coração, a começar por ele, que tinha nove anos quando lhe contei como tudo tinha acontecido. Reunimos a família para comemorar e ele dizia para todo mundo: ‘Já sei a minha história!’. Depois, perguntei-lhe se um dia gostaria de conhecer a mãe biológica. Ele disse que não, porque já tinha uma mãe. Agora, ele está com 13 anos e, um ano atrás, contou ao melhor amigo que era meu filho do coração. Fiquei muito emocionada e feliz.”

### Dois meninas na vida de um funcionário

“Eu e minha mulher estávamos cadastrados junto ao conselho tutelar de nossa cidade e aguardávamos na fila de espera. Mas tivemos contato com uma mãe do interior, que desejava entregar o filho para adoção logo após o nascimento. Quando o bebê nasceu, fizemos o registro no nome da mãe biológica e esperamos passar alguns meses para que houvesse a formação do vínculo com a criança.

Nesse meio tempo, a mãe biológica engravidou novamente, e seu companheiro a abandonou. Como já tinha outros filhos, ela decidiu nos entregar também esse bebê, que foi registrado em nome dela. Aquela altura, já tínhamos contratado um advogado com experiência na área, que ingressou com o processo para a adoção das duas meninas.

O profissional marcou uma audiência com o juiz responsável para explicar toda a situação e, em questão de uma semana, ocorreu uma audiência com a mãe biológica, que confirmou sua intenção de entregar as crianças para adoção. Um mês depois, tivemos a guarda definitiva e o juiz determinou que novas certidões de nascimento das meninas fossem expedidas, já com os nossos nomes como pais.

É uma sensação tão boa que não há como descrever. Eu adoro ser pai. Quando chego em casa, minhas filhas geralmente estão me esperando para dar um alô antes de dormir, ou para brincar um pouquinho. Hoje, não vejo qualquer diferença entre filhos adotados e filhos biológicos. Nós dizemos às crianças que elas são nossas filhas do coração e não pretendemos mentir sobre sua origem. Esconder o fato não adiantaria e só poderia trazer problemas no futuro, por isso, quanto mais cedo elas souberem, melhor.”

### A recompensa por uma longa espera

“Fiz várias tentativas de engravidar e sofri três abortos espontâneos. Queria muito ter um filho biológico e, inicialmente, não aceitava muito bem a idéia de adotar. Mas o tempo passou, e essa questão da adoção começou a ficar mais tranqüila para mim. Vivi uma longa espera, durante a qual me separei de meu marido.

Do momento em que me cadastrei como adotante junto ao Juizado até o final do processo, foram cinco anos e meio. Logo que entrei na fila da adoção, passei a sentir-me grávida. Foi uma espera muito longa e, até certo ponto importante, pois tive de elaborar bem a questão. No final de maio, finalmente recebi um telefonema do Juizado me avisando que havia uma criança para mim.

Fui conhecê-la no abrigo onde estava e, dias depois, pude levá-la para casa. Estou cada vez mais apaixonada por ela, que é uma menina muito calma e hoje tem cinco meses. Virei mãe de forma repentina, mas descobri que o processo de criação de laços acontece muito rapidamente. Agora, aguardo a emissão da nova certidão de nascimento de minha filha, que terá meu sobrenome.”

## Adotados têm direito de saber sobre sua condição

O juiz José Antônio Daltoé Cezar considera um grande equívoco dos adotantes não revelar a verdade a seus filhos. “Nós inclusive orientamos as pessoas que tiverem dificuldade. Mas, hoje em dia, com a cultura da adoção se consolidando, isso é quase impossível de acontecer. E se ocorrer é lamentável.” Ele observa que as pessoas habilitadas para a adoção passam por entrevistas com psicólogos e assistentes sociais e sempre são orientadas nesse sentido, uma vez que a relação familiar poderia ficar completamente desestruturada a partir da negação dos pais adotivos em revelar o que realmente aconteceu.

“No meu tempo todo de juizado, lembro de apenas um caso em que um casal mentiu até a adolescência de seu filho, alegando que tinha havido um erro no registro. E queriam que eu concedesse a adoção! Eu neguei, porque o que funda a existência de todo o ser humano é a sua família, e isso não deve ser fraudado. Depois de alguns meses, eles contaram a verdade ao adolescente e disseram ter tirado uma espada de cima de suas cabeças.”

Perguntado se há casos de desistência, depois da adoção efetivada, o juiz afirmou que isso pode ocorrer quando a adoção não é feita através do Juizado. Por isso ele recomenda que se cumpram todos os procedimentos

legais. “Temos gente experiente, que trabalha há mais de 20 anos na área, e estamos preparados para enfrentar qualquer situação. Aqui conseguimos detectar quando os adotantes não estão com uma motivação adequada, estão enfrentando problemas familiares e querem resolver seu problema com uma criança.”

Daltoé Cezar é enfático ao dizer que não se faz família com caridade. “Adoção é querer ser pai ou mãe e receber aquela pessoa com todos os problemas que ela tem. Não é para ajudar. Quem quer ajudar que vá fazer um outro tipo de benemerência”, conclui.

REPRODUÇÃO / PAL-NILS NILSSON / THE FAMILY OF MAN



*Segundo dados do Juizado da Infância e Juventude de Porto Alegre, faltam crianças para adotar. A média é de 10 adotantes para cada criança e a espera leva de três a quatro anos*

### A alegria da professora ao comprar fraldas

“Eu me senti a criatura mais feliz do mundo no dia em que entrei num supermercado para comprar fraldas descartáveis. Era uma nova situação de vida, tinha vontade de cantar e de gritar para todo mundo: estou comprando fraldas, tenho alguém para amar, alguém em cuja vida vou fazer diferença.

Quando decidimos adotar uma criança, eu e meu marido sentimos o peso da burocracia: infundáveis entrevistas e prazos contados em anos. Procurei me informar, lendo livros, buscando conhecer a legislação e conversando com pessoas que haviam adotado crianças. Descobri que há duas formas legais de adotar: através dos órgãos que têm a guarda de crianças em condições de adoção, ou por via direta, quando os pais biológicos concordam em ceder o pátrio poder.

Começamos, então, a procurar uma criança por conta própria, até descobrir uma família do interior que buscava alguém que adotasse seu bebê. Conhecemos a criança e sua família, e imediatamente procuramos o juiz da cidade, solicitando a guarda temporária. Da busca até a obtenção da guarda provisória, levou cerca de três meses. Mais cinco meses até a audiência preliminar com o juiz e outros três até a sentença definitiva. Foi um ano de muita tensão, porque quanto mais amávamos aquela criança, maior era o temor de que houvesse uma reversão no processo.

No momento em que minha filha – uma criança meiga, amorosa, risonha e expansiva – perguntou se tinha saído da minha barriga, eu lhe disse a verdade. Isso não pareceu fazer muita diferença na época, mas agora que ela está na escola, por vezes, notamos certa tristeza. Este é um ponto sensível e, quando ela se sente afetada por outros problemas, o assunto vem à tona.”



FOTO: US FISH AND WILDLIFE SERVICE



## Países ainda discutem emissões de carbono

**Meio ambiente**  
*Desastres naturais refletem a ineficácia de medidas para o controle da poluição que provoca alterações do clima*

Continente Antártico: uma nova geleira se desprende, consequência direta do aumento do efeito estufa. Isso, porém, aconteceu a milhares de quilômetros daqui. Pouco se fala sobre como o problema do aquecimento global afeta as pessoas aqui no Brasil. Por exemplo, em 2005, no mesmo dia em que o furacão Katrina devastou a cidade de Nova Orleans, nos EUA, um tornado destruiu parcialmente a cidade gaúcha de Muitos Capões. Preocupada com a pouca informação a respeito do assunto, a organização ambientalista *Greenpeace* apresentou no mês passado um documento que reúne dois anos de pesquisas sobre desastres naturais no território brasileiro causados pela mudança do clima.

Estão incluídos depoimentos de pessoas que perderam suas casas em decorrência de ventos e chuva, ou que tiveram suas lavouras destruídas por secas fora do normal. O engenheiro químico Marcelo Furtado, diretor de campanhas do *Greenpeace* no Brasil, espera que esse documento amplie o conhecimento dos brasileiros sobre algo que os afeta diretamente. "Permitir o acesso à informação dá às pessoas condições de atuarem como força de pressão so-

bre os governos, para que estes tomem medidas para o controle da mudança do clima", afirma.

Fora da lista dos países desenvolvidos, o governo brasileiro evitou se comprometer com as metas de redução da emissão de gases, foco do Protocolo de Kyoto (ver quadro explicativo). Em 1994, durante a Convenção Quadro em Buenos Aires, ficou conhecida a real contribuição do Brasil ao aquecimento global. O país representa parte importante no problema, ocupando hoje o quarto lugar na lista dos maiores emissores de dióxido de carbono. A floresta amazônica é a principal vilã – e vítima – na contribuição brasileira ao aquecimento global: as queimadas para desmatamento representam 75% do valor total de emissões de carbono no país.

Apesar de pressionar os países industrializados a cumprir o protocolo de Kyoto, os países desenvolvidos estão preocupados em encontrar soluções alternativas. Durante a Convenção sobre Mudanças Climáticas da ONU, em Roma, realizada no início de setembro, o Brasil apresentou uma proposta de redução compensada: faria investimentos voluntários para o com-

bate ao do desmatamento, recebendo em troca recursos por parte dos países desenvolvidos para continuar suas ações. A China também trouxe um novo ponto de vista para a distribuição de metas, considerando não o valor de emissão total de um país, mas a emissão *per capita*. A lógica é de que um cidadão americano, por exemplo, é responsável por uma liberação de dióxido de carbono muito maior do que a de um chinês.

A recente iniciativa do estado da Califórnia, que aprovou lei exigindo cortes dramáticos na emissão de CO<sub>2</sub> pelos automóveis, mostra que a discussão já está bastante internalizada na sociedade americana e que é inevitável que o governo, num próximo mandato presidencial, tenha que discutir o problema internacionalmente. O que preocupa é a velocidade com que os EUA serão capazes de tomar medidas contra os desastres provocados pela mudança do clima, porque, ao mesmo tempo em que é um berço de novas tecnologias, o país é muito dependente de combustíveis fósseis. Além disso, o gás carbônico é de baixa dispersão, o que significa que lidaremos com seus efeitos por mais 70 anos ainda após o efetivo

controle de seu excesso.

As reuniões anuais da Convenção Quadro têm sido marcadas pela divergência de opiniões, não sendo possível definir o que acontecerá após o término da validade do Protocolo de Kyoto, em 2012. Para Marcelo Furtado, apenas duas coisas poderiam acelerar as negociações: "Se novos recursos entrarem e os países sentirem que têm respaldo econômico para fazer as intervenções necessárias ou então se grandes transformações climáticas acontecerem, mostrando a esses países que o custo de lidar com catástrofes é tão alto que é melhor trabalhar na pré-solução".

A opinião geral do *Greenpeace* é de que os governos pecam em não dar a devida importância ao custo das mudanças climáticas. O gasto com uma larga pesquisa que colhesse informações e propusesse solução ao problema é irrisório em relação ao prejuízo com novas catástrofes. "A diferença entre o país rico e o pobre é que o primeiro possui mais recursos, mas todos estamos muito vulneráveis", alerta Furtado, recordando a ineficácia do poderio norte-americano contra a tragédia provocada pelo furacão Katrina.

### Para professor, papel do ciclo de carbono sobre o clima é desconhecido

Andando pelas ruas de Porto Alegre, podemos perceber algumas pequenas mudanças: os jacarandás e ipês, este ano, floresceram quase dois meses antes da época normal. Para o professor do Departamento de Obras Hidráulicas da UFRGS David Motta Marques, a influência humana na intensificação do efeito estufa é fato evidente. Ele discorda, porém, das medidas adotadas para resolver o problema. Na sua opinião, há carência

de dados indispensáveis para a tomada de ações realmente eficazes.

"Não sabemos, hoje, o papel exato do ciclo de carbono sobre o clima e vice-versa", revela Marques. O professor chama a atenção para a necessidade de se investir mais na busca de duas informações: o valor exato da importância do dióxido de carbono para o aquecimento global e, ainda mais importante, o modo como se dá esse processo.

Pesquisadores americanos consideram que é muito mais vantajoso investir em novas tecnologias que diminuam a emissão de carbono do que em medidas de captura dos gases liberados ou em restrições econômicas. Marques vê razão nessa lógica: "Os EUA fazem um contraponto ao Protocolo de Kyoto baseados em farto conhecimento científico. Não é arbitrário, como às vezes parece ser".

Ele afirma que enquanto não enxergarmos valor econômico em medidas contra as emissões de carbono, elas serão postas em dúvida. "Depois que começarmos a agregar valor aos produtos de proteção dos ecossistemas, teremos conservação de fato". O desenvolvimento de tecnologias avançadas e, portanto, mais caras, seria um modo de incentivar países desenvolvidos a investir na preservação do ambiente.

### Economista defende nova visão de desenvolvimento

Na opinião do economista do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas da UFRGS (Iepe) Carlos Mielitz, a decisão do governo Bush de se afastar das negociações sobre medidas de controle às alterações climáticas tem a interferência de empresas privadas. "A campanha do atual presidente dos EUA foi patrocinada em grande parte por empresas montadoras de automóveis, responsáveis por uma enorme quantidade de dióxido de carbono lançada na

atmosfera." Além das soluções práticas propostas pelo Protocolo de Kyoto para combater o aquecimento global, Mielitz defende uma mudança de paradigma nas economias dos países industrializados e em desenvolvimento. "A questão de fundo é redefinir valores; é quase uma luta anticapitalista, não no sentido da antiga luta de classes, mas no de não se tomar o lucro como valor supremo e universal. São necessários novos valores

coletivos, humanos, globais." Fora das posições majoritárias, alguns economistas estão formando uma corrente, ligada às ciências sociais e naturais, que questiona a linha atual de desenvolvimento de vários países, entre eles, o Brasil.

Como exemplo de um desenvolvimento ecologicamente mais consciente, Mielitz fala da Europa, onde prevalece a razão da dúvida: se num determinado investimento não há a certeza de que será

inofensivo ao ambiente, ele é abandonado. "Em países como Brasil e EUA, as empresas primeiro investem para depois arcarem com as consequências de suas ações. O objetivo primordial delas vai ser sempre o lucro e, se não houver cobrança, elas não atuarão em prol da conservação do ambiente."

Luiz Ricardo Linch, estudante do 8º semestre de jornalismo da Fabico

### Entenda o Protocolo de Kyoto

1988 – Em Toronto, no Canadá, governantes e cientistas se reúnem pela primeira vez para discutir a elevação da temperatura média do globo. É criado o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), com o objetivo de reunir informações sobre o fenômeno do aquecimento global.

1990 – Os cientistas informam, por meio do IPCC, que seria necessário reduzir 60% das emissões de CO<sub>2</sub> em relação às aferidas naquele ano para evitar maior número de catástrofes naturais. A ONU passa a discutir a criação de uma convenção sobre mudança climática.

1992 – Durante a Eco-92, no Rio de Janeiro, mais de 160 governos assinam a Convenção Quadro sobre Mudança Climática. A interferência humana é apontada como responsável direta pelo aumento do efeito estufa. São estabelecidas as primeiras metas de controle das emissões de gases de carbono.

1995 – É realizada a primeira Conferência das Partes (COPs) em Berlim, na Alemanha, onde é proposto um protocolo de decisões sobre as obrigações listadas na Convenção. Os cientistas do IPCC alertam para os primeiros sinais evidentes das alterações climáticas.

1997 – É adotado o Protocolo de Kyoto, no Japão, o mais importante acordo ambiental feito pela ONU. Fica estabelecido que, até 2012, 38 países industrializados precisam reduzir em 5,2% suas emissões de gases responsáveis pelo efeito estufa.

2001 – Os EUA, maior poluidor do mundo, se retiram das discussões sobre o Protocolo por considerá-lo custoso demais à economia norte-americana. O país é responsável por 36% das emissões globais de gases estufa e, desde 1990, aumentou suas emissões em 13%.

2004 – Durante a 10ª COP, na Argentina, cresce a pressão para que os países em desenvolvimento também tenham metas em 2012. A Rússia, segundo maior país emissor de carbono, ratifica sua adesão ao Protocolo.

2005 – Em 16 de fevereiro entra em vigor o Protocolo de Kyoto. Mais de 140 países ratificaram o tratado, incluindo 34 industrializados, conferindo valor jurídico ao acordo.

2006 – O ano anterior foi considerado o mais quente desde o início dos registros, com um aumento de 0,7 °C na temperatura média. Cientistas do IPCC calculam que seria necessário haver uma redução de 50% em relação aos atuais índices de emissão de carbono para evitar que o aumento da temperatura média em 2050 seja de 2 °C, considerado como um ponto sem retorno.

Fonte: [www.terramistica.com.br](http://www.terramistica.com.br)



# “A vida só se justifica se a usarmos para melhorar o mundo”

## Astronomia

Depois de palestra na UFRGS, o físico Marcelo Gleiser falou ao JU sobre ensino de ciências

### Jacira Cabral da Silveira

De 16 a 23 de outubro realiza-se a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, coordenada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). O objetivo é despertar o interesse, especialmente de crianças e jovens, sobre temas e atividades de C&T, valorizando a criatividade, a atitude científica e a inovação. Durante todo o período, instituições como universidades, escolas, museus e centros de pesquisa realizarão atividades para chamar a atenção sobre a importância da ciência e da tecnologia em nossa vida.

No sentido de colaborar com esta reflexão sobre ciência, o Jornal da Universidade, entrevistou o físico carioca Marcelo Gleiser, que em agosto lotou o Salão de Atos da UFRGS ao apresentar sua primeira obra de ficção: *A Harmonia do Mundo*. No livro, o professor de física e astronomia do Dartmouth College, em New Hampshire (EUA), conta a história do matemático alemão Johannes Kepler que, como Nicolau Copérnico, acreditava que os planetas giravam em torno do sol, uma ousadia em plena época de conflitos religiosos que resultaram na Contra-reforma católica.

Gleiser é doutor em física teórica pelo King's College da Universidade de Londres. Foi pesquisador no Fermi National Accelerator Laboratory (Fermilab), em Illinois, e no Instituto de Física Teórica da Universidade da Califórnia. Por duas vezes recebeu o prêmio Jabuti, com as obras *A dança do universo e O fim da terra e do céu*. Tendo também publicado *Retalhos cósmicos e O livro do cientista*.

**Jornal da Universidade** – O que as pessoas procuram hoje em dia?

**Marcelo Gleiser** – Acho que todos buscamos uma vida melhor, em três dimensões: emocionalmente, espiritualmente e materialmente. Nisso, nada mudamos desde os tempos em que começamos a nos organizar em sociedades.

**JU** – O que é inédito em uma cultura tão sem profundidade e imediatista como a atual?

**MG** – Não sei se concordo; acho que a cultura profunda está lá, é só ir buscá-la. Excelentes livros têm sido escritos, e mesmo a TV, de vez em quando, mostra coisas boas. Mas para buscar a cultura temos de tê-la, o que representa um paradoxo. A solução? Educação! Só uma população educada entende o valor da cultura e do seu papel na democracia.

**JU** – Como despertar a curiosidade científica?

**MG** – Mostrando que a ciência não é algo que ocorre no quadro negro e com decoreba de fórmulas, mas é um corpo de conhecimento que visa a explicar o funcionamento do mundo e de nossa inserção nele. A ciência deve ser ensinada dentro e fora da sala de aula! E o contexto histórico também deve ser explorado, algo que tento fazer em meus livros. As pessoas vão querer conhecer mais sobre a ciência do Newton ou do Einstein se souberem quem são e por que criaram o que criaram.

**JU** – No ensino de ciências, quais as melhores perguntas a serem feitas?

**MG** – Aquelas que levam a mais perguntas.

**JU** – Quando o laboratório entra no ensino de ciências? Por que alguns professores evitam levar seus alunos para tais experiências?

**MG** – O laboratório deveria entrar no ensino de ciência no primeiro dia em que uma criança tem uma aula de ciência. Não usar experimentos é tirar a beleza da ciência e fazê-la estéril. Os professores que não o fazem comprometem, de saída, a eficácia de seu ensino. E não é necessário ter recursos e tanto material assim para se fazer demonstrações básicas em ciência. O primeiro passo é sair da sala de aula e passear pela natureza.

**JU** – Como o senhor analisa os periódicos brasileiros de divulgação

da ciência para crianças e jovens?

**MG** – Acho que atualmente existem excelentes publicações, como a National Geographic, a Scientific American, a revista Galileu. Essas opções não existiam quando eu era criança, ao menos aqui. Fora isso, certos jornais também dedicam espaço para a ciência. Eu escrevo semanalmente para a Folha de S.Paulo há nove anos!

**JU** – Em seu livro *A Harmonia do Mundo*, a enteada de Kepler é apresentada como uma garota com a inteligência e a determinação de um filósofo. O senhor escreve: “Semana passada, enquanto passeávamos por um campo nevado, perguntou-me por que todos os flocos de neve têm seis pontas. Que excelente observação!”. Observar, fazer perguntas, até que ponto uma disciplina

“O primeiro passo é sair da sala de aula e passear pela natureza”

de porquês despertaria a reflexão e a consciência das crianças e jovens sobre o mundo que os cerca, qualificando sua compreensão e ação?

**MG** – Toda criança pergunta sobre o mundo, mas poucos adultos sabem responder. Algo ocorre aqui, entre a curiosidade da criança e a objetividade dos adultos, que a um certo ponto deixam de ter essa curiosidade sobre o mundo, a menos que se tornem cientistas ou interessados em ciência ou simplesmente amantes da natureza... O que acontece? Acho que uma combinação de fatores: ensino chato das ciências, a puberdade que faz os olhos desvirarem do mundo e olhar para o sexo oposto (importantíssimo para a preservação da espécie...), a necessidade de usar o tempo para se ganhar dinheiro, coisas que vão ocorrendo na vida que nos afastam do mundo natural. O essencial deve ser



RICARDO DE ANDRADE

inculcado desde cedo. Fazer perguntas é fundamental, mas mais importante ainda é continuar a fazê-las. Perder a curiosidade sobre o mundo, se afastar da natureza, é uma grande perda para o indivíduo, tanto intelectual quanto espiritual.

**JU** – Tycho Brahe, o mais famoso astrônomo da Europa do século XVII, afirma em uma de suas cartas transcritas em seu livro *A Harmonia do Mundo*: “Parece-me que, sem dados observáveis é impossível tentar compreender os mistérios celestes. Que seria da astronomia se cada um pudesse imaginar seu cosmo preferido?” (pág.135). Este comentário sobre a teoria de Kepler coloca a capacidade de abstração do matemático – através de seus cálculos de geometria para encontrar explicações de fenômenos observáveis – no plano da imaginação. Até que ponto a escola subestima ou não

educa os estudantes para a abstração? Como isso poderia ser feito? O que é a capacidade de abstração?

**MG** – Novamente, a questão aqui é mostrar aos alunos a importância do pensar, de refletir sobre as grandes questões, de discutir as respostas de outros pensadores na sala de aula, de tornar o ensino em algo vivo, dinâmico, instigante. O desafio é educar os alunos de modo que entendam que pensar não é coisa de “nerd”, que pensar é bom, que é pensando que nos definimos como seres humanos, que temos a possibilidade de dar sentido às nossas vidas, de tornar o mundo um lugar melhor para nós e para o resto da população. Acho que o importante é ensinar que a vida só é justificada se dela fazemos algo de valor, se a usamos para melhorar o mundo em que vivemos, seja ele o microcosmo da nossa família ou o macrocosmo da sociedade como um todo.

## Programação na UFRGS

**A TERRA COMO UM GRÃO DE PIMENTA**  
Oficinas e *workshop* para estudantes do ensino fundamental  
Datas e horários: 15 e 22 de outubro (domingo), das 17h às 18h  
Local: Planetário Professor José Baptista Pereira da UFRGS (Av. Ipiranga, 2.000)

**DA LUA A PLUTÃO: 50 ANOS EXPLORANDO O SISTEMA SOLAR**  
Palestra para público em geral  
Data e horário: 17 e outubro (terça-feira), das 19h às 20h30min  
Local: Planetário Professor José Baptista Pereira

**OFICINA DE IDENTIFICAÇÃO DO CÉU**  
Observações astronômicas para o público em geral  
Data e horário: 18 de outubro (quarta-feira), das 18h30min às 20h30min  
Local: Planetário Professor José Baptista Pereira

**INDÚSTRIA AEROSPAZIAL NO RS**  
Palestra para público em geral  
Data e horário: 19 de outubro (quinta-feira), das 19h às 20h30min  
Local: Planetário Professor José Baptista Pereira

**XVIII SALÃO e XV FEIRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**  
Apresentação e exposição de trabalhos universitários  
Data e horário: de 15 a 20 de outubro, das 8h30min às 18h30min  
Local: Campus Centro

**I SALÃO UFRGS JOVEM**  
Apresentação e exposição de trabalhos de ensino médio  
Para: escolas visitantes e escolas pesquisadoras  
Data e horário: de 15 a 20 de outubro, das 8h30min às 18h30min  
Local: Campus Centro

Semana Nacional  
de Ciência e Tecnologia  
Criatividade  
& Inovação





# O discreto centenário de

Literatura Efeméride do autor de *Um rio imita o Reno* impulsiona reedição de obras pelo IEL

# Vianna Moog

Marcelo Spalding\*

Alguns centenários merecem decreto oficial do Estado, ganham *sites* na Internet, programas de tevê, viram tema de Feira do Livro e pautam todos os jornais. Outros, não. Talvez por isso você não saiba que em outubro de 1906 nascia, em São Leopoldo, Clodomir Vianna Moog. Intelectual num tempo anterior às universidades, já havia publicado três ensaios – *Heróis da Decadência: reflexões sobre o humor*, com estudos sobre Petrólio, Cervantes e Machado, *O ciclo do ouro negro*, ensaio de interpretação da realidade amazônica e *Eça de Queirós e o século XIX*, biografia ensaística do romancista português – quando se tornou conhecido com o lançamento do romance *Um rio imita o Reno*, em 1939.

Em prefácio à oitava edição, Moog escreve que “nunca os astros se acertaram tanto e tão bem com os deuses no arranjo da melhor oportunidade para o lançamento de um livro como em *Um rio imita o Reno*”. De fato, a obra, escrita em 1938 e publicada no começo de 1939, aborda o espinhoso tema do racismo germânico em uma cidade fictícia do interior gaúcho em plena véspera da II Guerra Mundial, que estouraria meses depois do lançamento do livro. Em suas páginas desfilam menções a Hitler, Nietzsche, Mussolini e, acima de tudo, ideias nacionalistas em oposição ao germanismo das personagens.

O secretário de Educação do Rio Grande do Sul à época, Coelho de Souza, chega a afirmar que “não se trata do maior livro que se escreveu no Brasil, porque nestas décadas de centúria fez-se o *Brás Cubas*, mas é o maior livro brasileiro”. Moysés Vellinho, crítico ainda hoje reconhecido, diz que “meia dúzia de livros como esse dariam à literatura brasileira um sentido novo”, exaltando a “extraordinária riqueza do seu conteúdo”.

E as louvações não ficaram restritas à crítica gaúcha: apesar do pedido oficial de censura do consulado alemão, *Um rio imita o Reno* ganhou, em 1939, o importante prêmio Graça Aranha, vendeu sete edições em 25 anos, foi adotado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e de certo foi fundamental para acelerar a nacionalização do ensino no Brasil, imposta por Getúlio Vargas. Não por acaso apenas cinco anos depois Vianna Moog ocupava a cadeira 4 na Academia Brasileira de Letras, panteão de intelectuais em que nem Erico nem Quintana – os dois de centenário comemorado à exaustão – figuraram.

**Ensaísta versátil** – O professor do Instituto de Letras da UFRGS Luís Augusto Fischer, em apresentação à recente edição do Instituto Estadual do Livro de *Um rio imita o Reno*, afirma se tratar de um “romance que é ao mesmo tempo um depoimento e uma peça de ficção, uma reflexão e uma obra de arte, um romance que enfrenta os riscos de discutir o mundo tal como este se apresenta”. O IEL, aliás, aproveita o centenário de ianna Moog para relançar algumas de suas obras, configurando-se numa óti-



ma oportunidade para se ler ou reler o autor. Segundo Regina Zilberman, diretora do Instituto, devem sair nos próximos meses também os ensaios *Eça de Queirós e o século XIX* e *Uma interpretação da literatura brasileira*, este com prefácio de Flávio Loureiro Chaves. Não está excluída a possibilidade de se lançarem outros romances, como *Tóia*, ou ensaios históricos como *Bandeirantes e pioneiros*. “A obra de Vianna Moog poderia ser mais lida na universidade, ocorre que boa parte dos livros encontra-se esgotada. Contudo, há estudos sobre o autor sendo realizados no Brasil e no exterior (Alemanha e França, por exemplo), sinal de que o interesse por ele é atual e vital”, afirma Regina, professora da Faculdade de Letras da PUCRS.

Os ensaios *Uma interpretação da literatura brasileira e Bandeirantes e pioneiros*, bem como o romance *Tóia*, referidos pela professora, são posteriores à publicação de *Um rio imita o Reno*, mas não tiveram nem de perto a repercussão deste, o que de certa forma explica a tímida comemoração do centenário do autor. “Vianna Moog teve pouca repercussão propriamente literária ao longo do tempo, seu primeiro romance teve grande impacto, em 1939, mas depois ele se tornou mais conhecido como ensaísta, o que não é o mesmo que cronista”, afirma Fischer.

Ele também lembra que o autor “é daquela geração que poderia ter feito uma extraordinária carreira acadêmica na área de História, Letras ou Sociologia, mas a Universidade é que não existia ainda nessas áreas, quando ele se formou”. Desta forma, o professor completa, “nem dá pra dizer que ele foi ‘estudioso da literatura’, embora essa descrição não seja descabida; o que ele foi mesmo é ensaísta, metia seu faro no trato de questões que lhe pareciam importantes, fosse o humor, fosse a obra e a vida de Eça de Queirós, fosse uma comparação entre a colonização do Brasil e dos EUA. Isso tudo enfim explica o fato de ele não ser popular, de seu nome não ter o chamado apelo: ele realmente escrevia mais para o leitor exigente, de formação mais sofisticada – e este leitor lamentavelmente não lê Vianna Moog hoje em dia, com raríssimas exceções”.

\* Jornalista formado pela Fabco e mestrando em Literatura Brasileira



## Breve biografia

Clodomir Vianna Moog nasceu em São Leopoldo em 28 de outubro de 1906. Filho do teuto-brasileiro Marcos Moog, funcionário federal, e da luso-brasileira Maria da Glória Vianna Moog, professora pública, foi aluno da escola dirigida por sua mãe na cidade natal até ela falecer, quando Vianna ainda era criança. Em 1926, já estudante de Direito, classifica-se em segundo lugar em concurso para agente fiscal de imposto de consumo.

Em 1930, participa da campanha política da Aliança Liberal e dos entusiasmos da Revolução de Outubro, mas em 1932, como participante da Revolução Constitucionalista, é preso e transferido pelo governo Vargas da capital gaúcha para Manaus e, pouco depois, para Teresina, uma espécie de exílio dentro do país. Sua experiência no Norte foi fundamental para a construção do protagonista de *Um rio imita o Reno* – um engenheiro amazonense que se contrapõe à exaltação da raça ariana feita pelos descendentes no Sul – além de ter sido nesta época que escreve *Heróis da decadência* e *O ciclo do ouro negro*.

Volta a Porto Alegre em 1934, anistiado pelo Congresso, e dirige um novo e revolucionário jornal, a *Folha da Tarde*. Com o golpe de 1937, dedica-se mais intensamente à literatura e em 1938 publica *Eça de Queirós e o século XIX* e escreve o romance *Um rio imita o Reno*. Em 1942 é promovido para o quadro dos agentes fiscais do Distrito Federal, mesmo ano em que faz no Itamaraty, a convite da Casa do Estudante do Brasil, a conferência *Uma interpretação da literatura brasileira*, publicada em opúsculo e traduzida para vários idiomas, na qual ele procurou analisar a literatura brasileira através do que chamou “ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas”. Em 1950, foi nomeado representante do Brasil junto à Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas e, nesse caráter, participou em Nova York e Genebra de todas as reuniões da Comissão. Em 1952, indicado pelo Brasil, foi eleito pelo Conselho Internacional Cultural para representar o país na Comissão de Ação Cultural da OEA, com sede no México, onde residiu por mais de dez anos como presidente do órgão.

Ainda entre os anos 50 e 60, lança os romances *Uma jangada para Ulisses* e *Tóia* e mais ensaios, entre eles *Bandeirantes e pioneiros*, comparação de grande alcance entre as civilizações brasileira e norte-americana. Em 6 de setembro de 1969, renuncia ao mandato na Comissão da OEA e aposentou-se a seguir no cargo de fiscal do imposto de consumo. Passa a residir no Rio de Janeiro, onde morre em 15 de janeiro de 1988.

Segundo Luiz Augusto Fischer, na já referida apresentação de *Um rio imita o Reno*, “não estará longe dos fatos quem vir uma convergência entre vida e obra no caso de Vianna Moog. Seu exílio amazônico, se o privou momentaneamente do convívio das praças mais sofisticadas do Sul e do Sudeste, levou-o a conhecer mais que seus contemporâneos a realidade do Norte, e a matéria destas experiências virou enredo de ficção e tema de ensaio”.

## Resenhas

Por Caroline da Silva

### A sociedade em rede e o trabalho

Nesses novos tempos, alguns fatores modificaram intensamente as relações de trabalho e emprego: a globalização na economia tendo como foco o capital financeiro, uma redistribuição espacial das indústrias, o advento das redes, as tecnologias de informação e, por fim, o desequilíbrio trabalhocapital. Em nosso país, as transformações recentes, decorridas do neoliberalismo, são facilmente percebidas e discutidas. Em busca de contribuições para aprofundar o debate

sobre essa reestruturação e seus efeitos em diferentes contextos, pesquisadores do sul do Brasil e de Portugal, pelo Programa de Cooperação Capes/Grices, expõem nessa obra suas análises e reflexões. Segundo as organizadoras, “esses estudos reforçam os argumentos contrários à formulação de uma única tendência em decorrência das mudanças tecnológicas e organizacionais em curso no mundo do trabalho”. A necessidade de trabalho qualificado, que confere uma autonomia ao trabalhador, coexiste ainda com a exigência de tarefas específicas e monótonas; contudo sem representar risco ao interesse do capital. Esse novo processo é universal, mas também apresenta particularidades em distintas conjunturas. Conhecê-lo e estudá-lo é imprescindível para apontar ações e estabelecer estratégias. Dessa forma, a investigação do trabalho informal e as novas formas de trabalho nos dois países são alguns dos temas abordados.

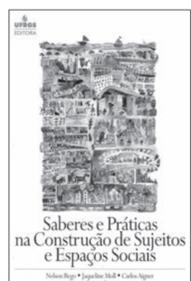


**O MOSAICO DO TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: PERSISTÊNCIAS E INOVAÇÕES**  
Ed. UFRGS, 2006, 359 págs., R\$ 20,80\*, organizado por Valmíria Piccinini e Lorena Holzmann

### Percebendo a cidade

No seu caminho para o trabalho ou para a escola, você olha através da janela do carro ou do ônibus? Quando caminha pelas calçadas, atenta para o lugar em que está passando? Você conhece a sua cidade? Foi pensando na

negativa a essas perguntas, que professores de geografia pensaram na temática tempo-espço e propuseram a seus alunos que olhassem para as ruas, as praças e suas características sócio-culturais. A cidade é um mundo, pois é rica interdisciplinarmente, e assim possibilita um novo mundo de aprendizado, formando os sujeitos. Essa é a proposta dos textos da obra, enxergar o lugar como determinante para a identidade, educar geograficamente. Janaina Bechler, uma das autoras, pensa na cidade como uma experiência sensorial e afirma: “Não passo ileso pelas diversas imagens e cenas que vejo através da vidraça do ônibus”. Mas somente o olhar não é suficiente. O professor Nilton Bueno Fischer afirma que os autores desse livro apelam para todos os sentidos dos leitores para que ampliem “as sensibilidades de cada um para a riqueza que se produz na diversidade dos espaços da cidade, tanto através da circulação física, como também daquilo que poderia ser considerado como espaço de permanente ‘ensino’”.



**SABERES E PRÁTICAS NA CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS E ESPAÇOS SOCIAIS: EDUCAÇÃO, GEOGRAFIA, INTERDISCIPLINARIDADE**  
Ed. UFRGS, 2006, 341 págs., R\$ 33,60\*, organizado por Nelson Rego, Jaqueline Moll e Carlos Aigner

\*Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS



# Saber e prazer se encontram no Studio Clio

## História e arte

*Ao completar um ano de atividades, o espaço se consolida como centro de cultura*

Ánia Chala

Inserido na agitada Cidade Baixa, o Studio Clio - Instituto de Arte e Humanismo completou um ano de funcionamento no dia 20 de setembro. Clio é a musa da História, filha de Zeus e da Memória, que celebra a beleza da narrativa. O espaço tem a curadoria cultural de Francisco Marshall, que concilia esta atividade com seu trabalho de professor junto ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

Para o historiador, o Studio tem hoje uma posição ambígua: por um lado, há o sucesso, com o reconhecimento do público, que identifica a programação como rica e sofisticada, por outro, do ponto de vista comercial, é uma catástrofe. “É terrível trabalhar na área cultural em Porto Alegre e no Brasil em geral, especialmente com essa crise toda. Mas é também um sucesso, na medida em que conseguimos viabilizar uma agenda transdisciplinar.” Marshall explica que o objetivo do instituto é formar uma comunidade, fazendo com que as pessoas se identifiquem com o local.

Quanto à programação, busca-se trabalhar com as comunidades de interesse, mas sem deixá-las presas a gêneros estanques. “Hoje, o problema da cultura é o isolamento dos discursos. Se em estética está se discutindo uma determinada coisa, a prática contemporânea de arte é outra, e o discurso dos curadores é ainda mais diferente. Em algum momento é preciso misturar atores, e nós oferecemos um caldeirão para isso, que é o auditório do Studio Clio”, diz Marshall.

Segundo o curador, o boletim eletrônico distribuído semanalmente é uma estratégia para a comunicação com diferentes nichos de público, além daqueles que têm um interesse genérico pela memória, a cultura e a arte. “Há grupos que querem música histórica restaurada. Para esses, criamos a Confraria da Música Antiga. Outros, se interessam por fotografia, e para eles desenvolvemos uma agenda de cursos. Cada nicho necessita uma programação completa e contínua, mas com um espírito universal na formulação.” Para o administrador do espaço, Otávio Marshall, por ser uma iniciativa inédita, o Studio funciona como um grande laboratório de atividades artísticas e culturais, dentro de um formato diferenciado. Ele acrescenta que algumas áreas da cultura estão muito vulgarizadas, porque foram estipulados valores que acabam não remunerando decentemente os artistas. “Nesse aspecto, as leis de incentivo nem sempre colaboram para a difusão da cultura de alto nível.”

## Oportunizando experiências

Conforme o professor Marshall, o Studio Clio procura reconstruir a experiência cultural como uma forma de fruição e convívio. Do ponto de vista individual e social, busca criar um local de encontro. Ele destaca que os profissionais liberais, os magistrados, os médicos, os professores universitários e, especialmente, os aposentados que freqüentam o espaço são pessoas que o fazem com prazer, porque sabem que irão conviver com outras que têm interesses similares.

O Banquete Cultural ilustra bem esse convívio prazeroso: uma vez por mês é escolhido um ambiente cultural significativo, no qual o público assiste a uma conferência audiovisual em linguagem acessível, ministrada por especialistas, seguida por uma *performance* coreográfica, musical ou por uma colagem de cinema e, depois, pode degustar as receitas restauradas.

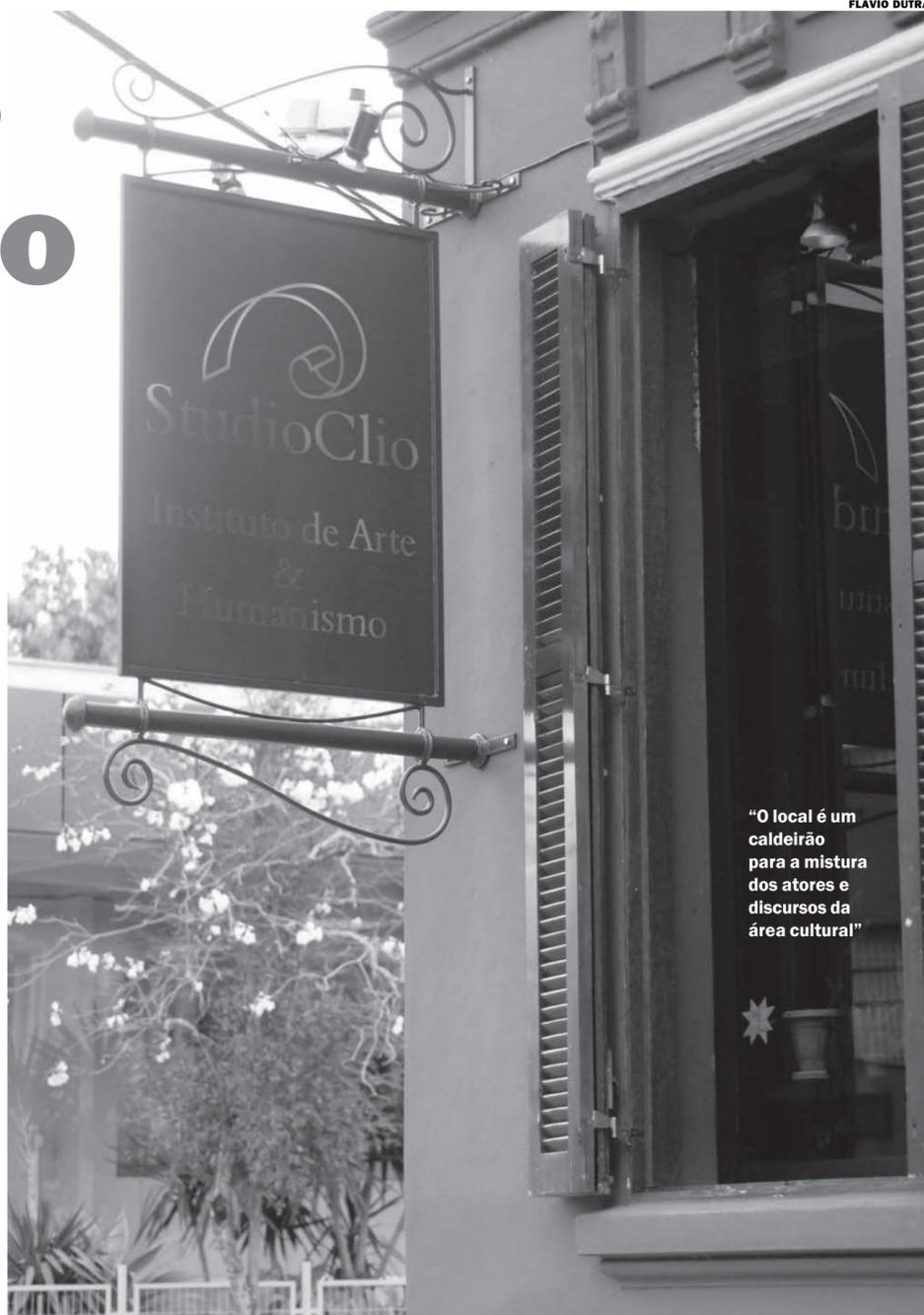
A atividade já teve 11 edições e, no dia 7 deste mês, será a vez da cozinha do alquimista. “As pessoas se dirigem a um espaço em que os lugares estão distribuídos de modo a misturar diferentes grupos. Assim, iniciam-se amizades e até romances. O objetivo disso é quebrar a fragmentação da contemporaneidade, e o nosso público reconhece isso. Há pessoas que freqüentam este espaço e me dizem: Eu vou ao cinema e encontro gente com o mesmo gosto, só que isso dura enquanto estou na fila e depois nunca mais.”

De certa forma, a mesma coisa acontece na universidade, onde a fragmentação do conhecimento é cada vez maior. Para o historiador, o Studio é também um espaço no qual pessoas ligadas à universidade se encontram para desenvolver um outro tipo de trabalho. “Temos muitos professores que vêm realizar atividades aqui, fugindo do controle, da burocracia e das compartimentações que fazem parte dessas instituições. Claro que existe uma razão para a burocracia, mas há também uma desrazão, a tal ponto que nos vemos como reféns desse sistema. Assim, no meio do caminho, o processo criativo vira pó.”

**O valor da cultura** – Marshall acredita que, do ponto de vista do consumidor, há uma percepção ingênua de que as atividades com entrada franca são uma coisa boa. No entanto, a gratuidade deixa de ser positiva quando não colabora para a profissionalização do meio artístico e intelectual.

“Nós não fazemos quase nada gratuitamente e, mesmo quando a atividade pode ser oferecida dessa forma, pedimos a doação de um livro para que seja entregue a um programa de leitura comunitária ou um hospital. Tudo isso para que o usuário não tenha a falsa impressão de que a cultura não tem valor, porque essa é uma ilusão terrível.”

Cada atividade tem seu valor de inscrição estipulado levando-se em consideração a possibilidade de pagamento da população que consome cultura. “Essa população não é a que tem renda mais alta. É gente que vive sempre um pouco endi-



“O local é um caldeirão para a mistura dos atores e discursos da área cultural”

vidada. Nossos cursos custam cerca de R\$ 20 reais a hora-aula. Isso é mais barato do que uma academia de ginástica ou do que uma pizza. Aqueles que não aceitam que a cultura deva ter um valor e que deva ser feita por profissionais que vivem desse valor não me interessam como público. Eles podem ouvir qualquer porcaria em qualquer lugar ou coisas boas em alguns lugares, como na UFRGS, que apresenta uma produção cultural de qualidade extraordinária.”

O professor explica que o Studio recebe propostas de atividades que são analisadas e passam por um trabalho de pesquisa e pré-produção. “Investimos na obtenção de bancos de imagens e de dados, o que exige pesquisa e também um esforço de construir a expressão transdisciplinar de cada conteúdo.”

Uma das preocupações do curador é fugir na “ditadura da efemeridade”, que tem pautado não só a programação de muitos espaços, como o jornalismo cultural. “Algumas datas, resgatamos com prazer, como foi o caso da programação desenvolvida em março no Dia Internacional da Mulher e na semana de Porto Alegre. Mas isso também pode ser uma armadilha, porque todos pegam o manual e o seguem à risca. No centenário do Mario Quintana, por exemplo, não fizemos nada. Não porque não amemos o poeta, mas porque há uma saturação na oferta de atividades.”

**Público e equipe** – Localizado na Rua José do Patrocínio, 698, o Studio Clio dispõe de bar, mezanino e auditório, totalizando 104 lugares. O público médio

mensal fica entre 500 e 700 pessoas. Atualmente, estão cadastrados 1.800 usuários, que freqüentam as atividades ou recebem semanalmente a programação enviada por e-mail.

Studio Clio é freqüentado por dois tipos de público: o motivacional, que se entusiasma com o conjunto da programação, e o consumidor assíduo. Esse segundo tipo é formado por profissionais liberais e pelos freqüentadores de eventos artísticos, especialmente os estudantes de música.

“O espaço tem a coordenação de produção cultural da arquiteta Elisa Ortiz, aluna do mestrado em Arquitetura na UFRGS, com o apoio da estudante de Ciências Sociais Amanda dos Santos. Larusha Kras Broges, estudante de Antropologia, trabalha no atendimento ao público, enquanto Inaiara Amaral é nossa assistente-administrativa formada pela Escola Técnica. Temos também o Fabiano Feijó, *designer* responsável pela editoração de nossos materiais multimeios, e o Otávio Marshall, que é meu irmão e administra o espaço. Os demais são colaboradores sem vínculo, como no meu caso e no da professora Blanca Brites, que faz a curadoria da galeria *Arte acessível* junto com o artista plástico Leandro Selister.”

O Quanto ao apoio de empresas privadas na realização de projetos, Marshall diz que ainda está muito aquém do necessário. “A revista Aplauso, nos concede uma página por mês, como faz com o projeto Unimúsica da UFRGS, e o Nacional Supermercados nos apóia nos banquetes culturais”, mas é só.

## A opinião dos freqüentadores

**LUIZ EDUARDO ACHUTTI**, professor do Instituto de Artes: “O Studio ficou por muito tempo fora do meu roteiro. Hoje, estou aqui pela primeira vez, mas recebo o boletim eletrônico e sei que os eventos são sempre da melhor qualidade. Além disso, o lugar é muito bonito.”

**RUY CARLOS OSTERMANN**, jornalista: “Este espaço se inscreveu na cidade com uma proposta de adensamento das nossas relações culturais em que o erudito e o acadêmico estão preservados e são propostos em amplo sentido. Acho isso formidável.”

**ROQUE LUIZ KRANTZ**, tecnólogo em processamento de dados: “O que me atrai são as pessoas que tenho a oportunidade de encontrar e o conhecimento que elas podem compartilhar conosco.”

**FÁBIO COUTINHO**, criador de projetos culturais: “Freqüento o Studio assim como todas as pessoas da cidade que acompanham a movimentação cultural em suas mais diversas faixas de interesse e abrangência. Este espaço é algo que estava faltando em Porto Alegre. Um projeto admirável e que vai se consolidar cada vez mais.”



## Destaque

### Jardins temáticos produzidos para a mostra Homem-Natureza enfeitarão espaços da Universidade

Como parte da programação paralela à mostra Homem-Natureza: Cultura, Biodiversidade e Sustentabilidade, estão em exposição quatro jardins temáticos, distribuídos pelos campi da Universidade. Paisagismo e arte se fundem nesse projeto, possibilitando uma ampliação do olhar para a questão do meio ambiente a todos que circularem nos espaços acadêmicos. Para o Campus do Vale, em frente ao Bar do Antônio, foi proposto o Jardim Histórico, que aborda as tendências da evolução de desenhos de jardins, através de um diálogo com a obra do artista plástico gaúcho Rogério Pessoa. O Jardim Labirinto, ao lado da pista de atletismo no Campus Olímpico, propõe ao visitante uma releitura dessa temática. Ele tem forma circular, com diâmetro de 23,5 m,



apresentando uma árvore no centro rodeada por um anel que tem a função de banco e por gramíneas nativas do Rio Grande do Sul. No Campus Agronomia, o tema do jardim construído logo à entrada é a fertilidade, que remete para diferentes analogias, como, por exemplo, a

criação, as idéias, a vida, a abundância, a reprodução. Por fim, no Campus Centro, na lateral da Faculdade de Educação, foi montado o Jardim da Cura, cujo contato está associado a resultados benéficos sobre a saúde e o bem-estar, especialmente para aquelas pessoas que

se encontram em estado debilitado tanto físico quanto psicológico. Os jardins estarão abertos nos campi até o final da mostra Homem-Natureza, que se encerrará no dia 29 de dezembro. Mais informações através dos telefones 3316-3034 e 3316-4022.

Jardim da Cura, criado por Tânia Resmini, no Campus Centro

FLAVIO DURRA

## CINEMA/DVD/VÍDEO

### Circuito de vídeos ambientais

Programa de exibição de obras sobre temáticas ambientais atuais, com debates posteriores. Os vídeos são produzidos por organizações não-governamentais (ONGs) nacionais e internacionais, por movimentos sociais, ambientais ou por produtores independentes. A programação também mostrará obras audiovisuais premiadas no renomado Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica), que se realiza em Goiânia há oito anos. Datas: segundas, quartas e sextas-feiras, até 30 de outubro  
Local e horário: Faculdade de Educação, às 18h30min  
Ingresso: R\$ 2,00 ou 1kg de alimento não perecível (exceto sal)

### A História vai ao cinema com Aplicação

Projeto do Colégio de Aplicação da UFRGS realizado em parceria com a Sala Redenção, visando ao preparo para o vestibular na área de história. As sessões serão seguidas por debates com professores convidados e abertas para o público em geral. Informações pelo telefone 3316-6984.

### MINHA LUTA

Inglaterra, 1984, 117 min), de Erwin Leiser. Documentário que conta a descoberta dos arquivos secretos da guarda de elite nazista, escondido pelo próprio Goebbels. Data: 11 de outubro, quarta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Ingresso: R\$ 1,50

### ALÔ AMIGOS

(EUA, 1943, 42 min), de Norman Ferguson, Wilfred Jackson, Jack Kinney, Hamilton Luske, Bill Roberts. Produção que resultou de um tour que Walt Disney e seus artistas realizaram pelos países da América do Sul em 1941. A história é estruturada em quatro segmentos distintos, cada um retratando um país diferente, com personagens como Pato Donald, Pateta e Zé Carioca (representando o Brasil).  
Data: 25 de outubro, quarta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Ingresso: R\$ 1,50

### SOB A NÉVOA DA GUERRA

(EUA, 2003, 95 min), de Errol Morris. Documentário que examina a combinação de fatores políticos, sociais e psicológicos que envolvem os conflitos armados. Com uma rica seleção de imagens de arquivo e gravações confidenciais da Casa Branca, também examina as justificativas do governo americano para o uso da força militar.  
Data: 31 de outubro, quarta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Ingresso: R\$ 1,50

### Antropologia no cinema

Projeto que exhibe documentários vencedores do prêmio Pierre Verger de Vídeo Etnográfico, da Associação Brasileira de Antropologia. Após cada sessão, haverá debate com professores e pesquisadores.

### MEMÓRIAS DO MUNDO

(Brasil, 1998, 35 min), de Ana Luiza Carvalho da Rocha. A busca na memória coletiva de Porto Alegre das transformações de seu tecido urbano. Imagens antigas e atuais, e relatos dos "habitues" do Mercado Público relevam as marcas do tempo sobre a cidade.  
Data: 5 de outubro, quinta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h30min  
Entrada franca

ATLÂNTICO NEGRO: NA ROTA DOS ORIXÁS (Brasil, 1998, 54 min), de Renato Barbieri. Uma viagem no espaço e no tempo em busca das origens africanas da cultura brasileira, que revela os fluxos culturais e afinidades religiosas que unem historicamente os dois continentes.  
Data: 12 de outubro, quinta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h30min  
Entrada franca

### Fronteiras do Audiovisual

Ciclo de filmes desenvolvido pelo Núcleo de Cinema e Comunicação da Fabico em parceria com a Sala Redenção, para discutir as convergências tecnológicas e sua relação com a linguagem audiovisual.

### BRILHO ETERNO DE UMA MENTE SEM LEMBRANÇAS

(EUA, 2004, 108 min), de Michel Gondry. Desiludida com o fracasso de sua relação, jovem decide esquecer do namorado, submetendo-se a um tratamento que apaga de sua memória os momentos vividos com ele. O namorado também se submete ao tratamento, mas desiste no meio do processo e inicia a luta para recuperar suas lembranças.  
Datas: 9 e 10 de outubro, segunda e terça-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca

### SEXO, MENTIRAS E VIDEOTAPE

(EUA, 1989, 103 min), de Steven Soderbergh. Um advogado enfrenta problemas de caráter sexual no casamento e tem um caso com a cunhada. A chegada de um amigo de infância do marido, que grava depoimentos de mulheres sobre sua vida sexual, muda o rumo da história.  
Datas: 23 e 24 de outubro, segunda e terça-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 19h  
Entrada franca



### Juventude transviada

(EUA, 1955, 11 min), de Nicholas Ray. Jovem encenqueiro (James Dean, na foto acima) é preso de madrugada por embriaguez e desordem. Enquanto espera pelos pais na delegacia, ele tem um rápido contato com outros dois adolescentes problemáticos. Após ser libertado, desentende-se com o líder de uma gangue do colégio. Esta rivalidade vai gerar conflitos com trágicas consequências. Exibido pelo projeto Artes da Memória, que tem como objetivo problematizar as relações entre arte e memória para a pesquisa em educação.  
Data: 20 de outubro, sexta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 18h  
Entrada franca

### Todas as cores do amor

(Irlanda, 2003, 85 min), de Elizabeth Gill. Uma visão leve sobre os perigos e prazeres dos relacionamentos na Dublin contemporânea. Quando Clara vê seu namorado Tom beijando Isolde, desencadeia-se uma série de reações de romances e corações partidos até que o ciclo inteiro se transforma num completo circo, em que cada personagem tenta encontrar um relacionamento perfeito (foto abaixo). O filme será exibido através de parceria entre a Sala Redenção, o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero e o Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. O objetivo é debater a diversidade nas formas de viver os gêneros e as sexualidades.  
Data: 26 de outubro, quinta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min  
Entrada franca



## OFICINAS E PALESTRAS

### Novas sonoridades para a música do sul

Oficina promovida pelo Unimúsica em que os integrantes do grupo Quartchêto abordarão o desenvolvimento da música instrumental regional gaúcha, destacando o uso de recursos que não são típicos da música do Sul, como os improvisos, o trombone e diversos instrumentos de percussão.  
Data: 6 de outubro, sexta-feira  
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 14h  
Entrada franca

### Confecção de jogos e brinquedos com sucata

Oficina organizada sob a forma de circuito, com cinco estandes diferentes, nas quais estarão expostos jogos e brinquedos confeccionados a partir de sucata, tais como bambolês com mangueiras e miçangas, livros de pano, bonecos com balão e mobília com caixas de leite. Os participantes também terão a oportunidade de confeccionar brinquedos, aprendendo sobre as possibilidades de exploração desses materiais com crianças pequenas.  
Data: 24 de outubro, terça-feira  
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, das 14h às 16h  
Entrada franca

### O lúdico no Museu

Através desta oficina, parceria entre o Museu da UFRGS e o programa de extensão universitária "Quem quer brincar", pretende-se que os educadores tenham a oportunidade de participar de atividades lúdicas e sejam orientados quanto ao uso de jogos no ensino e na aprendizagem escolar, visando à capacitação e ao desenvolvimento em sua prática pedagógica.  
Data: 26 de outubro, quinta-feira  
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, das 14h às 16h  
Entrada franca

### Olhares cruzados

Conjunto de debates com a participação de professores da UFRGS e convidados, tendo como objetivo a busca de reflexões sobre as relações entre o homem de nosso tempo e a natureza. Neste mês traz a palestra "O homem, em sua dimensão sensorial e sua relação com a natureza", com Ingrid de Barros, da Faculdade de Agronomia da UFRGS.  
Data: 26 de outubro, quinta-feira  
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 19h  
Entrada franca

## MÚSICA

### Quartchêto e Gilberto Monteiro

O grupo Quartchêto tem como característica o trato refinado e bem humorado das raízes da música folclórica gaúcha, com ritmos como o chamamé, a rancheira e o vanerão. Além do violão de Hilton Vaccari, do acordeon de Leandro Rodrigues e da percussão de Ricardo Arenhardt, há a participação, inusitada nos grupos folclóricos gaúchos, do trombone de Julio Rizzo. O show do Quartchêto no Unimúsica tem a participação especial do gaitero e compositor Gilberto Monteiro, vencedor do prêmio Vitor Mateus Teixeira (Teixeirinha) de melhor instrumentista gaúcho de 2004.  
Data: 5 de outubro, quinta-feira  
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 19h  
Entrada franca



### Banda de Marchinhas Tradicionais Amigos do Sílvio

Gênero de canção brejeira, soberano nos bailes carnavalescos entre os anos 30 e 50, as marchinhas são um testemunho da história do Brasil. O espetáculo, trazido pelo Unimúsica, resgatará o repertório tradicional de marchinhas do carnaval brasileiro com arranjos e interpretações voltadas para o público infantil. Agendamento individual e para grupos, das 9h às 18h, no Museu da UFRGS ou no site [www.museu.ufrgs.br/agendamento](http://www.museu.ufrgs.br/agendamento)  
Data: 11 de outubro, quarta-feira  
Local e horários: Salão de Atos da UFRGS, às 10h e 15h  
Entrada franca

## EXPOSIÇÃO

### Homem - Natureza: Cultura, Biodiversidade e Sustentabilidade

Mostra realizada a partir de parceria entre o Museu da UFRGS e a Copesul, que propõe a descoberta do ambiente através da arte e da ciência. Agendamento de visita guiada pelos telefones 3316-3034 e 3316-4022.  
Visitação: até 29 de dezembro, de segunda a sexta-feira  
Local e horário: Museu da UFRGS, das 9h às 18h  
Entrada franca

## TEATRO

### Encontro com Courtemanche

Esquetes cômicas inspiradas em situações inusitadas do cotidiano. Através da imitação, o trabalho faz uma apropriação do estilo do canadense Michel Courtemanche, que mistura mímica e efeitos sonoros vocais. Roteiro e atuação de Leandro Lefa.  
Datas: 4, 11, 18 e 25 de outubro (todas as quartas-feiras)  
Local e horários: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e 19h30min  
Entrada franca



## Onde?

- Museu da UFRGS  
Av. Osvaldo Aranha, 277
- Salão de Atos  
Av. Paulo Gama, 110
- Instituto de Artes da UFRGS  
Rua Senhor dos Passos, 248
- Sala Redenção  
Av. Paulo Gama, s/n°.
- Sala Qorpo Santo  
Av. Paulo Gama, s/n°.

**Felicidade**

*Ser agrônomo é uma de suas paixões, ser professor é outra. E, pairando sobre o cotidiano, mais uma paixão: voar*

# Luiz Fernando Coelho de Souza

## O professor que voa

**Ademar Vargas de Freitas**

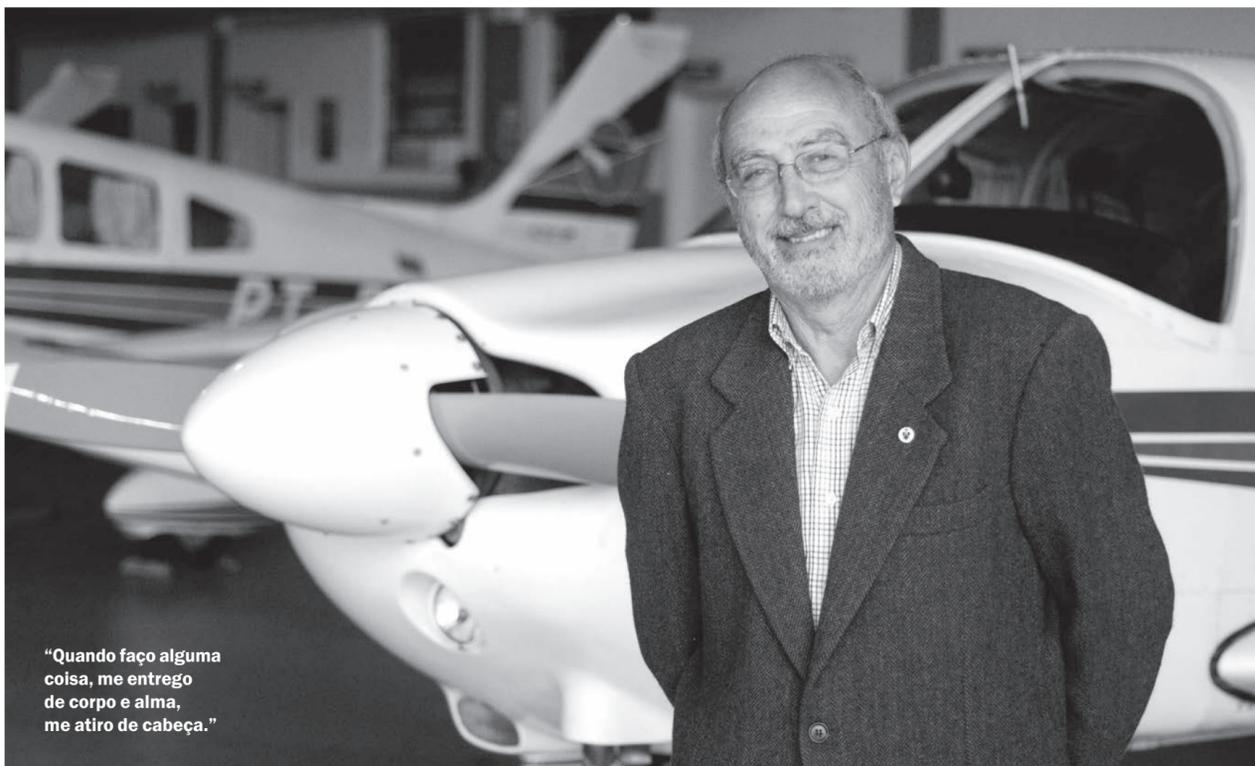
Toda sexta-feira, o professor Luiz Fernando Coelho de Souza dá aula de Planejamento Agrônomo Integrado, disciplina que ajudou a criar por compaixão: queria poupar os formandos do Curso de Agronomia da angústia que ele próprio sentiu ao receber o diploma com a sensação de não saber nada.

“Há 17 anos, num papo entre colegas do Departamento de Solos, ao falar dessa angústia, pensamos num jeito de poupar nossos alunos, ou aliviar seu sofrimento. Queríamos que, antes da formatura, exercitassem a profissão, com resguardo dos professores.”

Na Agronomia, ele foi coordenador de ensino, da comissão de carreira e do núcleo de avaliação. Criou disciplinas, chefou dois departamentos e se orgulha de ter ajudado a formar o currículo da Faculdade e de ter participado de um grupo de apoio pedagógico no qual a Agronomia foi pioneira.

Mesmo tendo-se aposentado como professor há dois anos, Coelho de Souza se entusiasma com os desafios e é capaz de assumir diversas tarefas ao mesmo tempo. Além das aulas de sexta-feira, mantém outros elos com a universidade: coordena a comissão julgadora do “Prêmio Gerdau, melhores da terra”, que ajudou a criar; e angaria recursos de empresas privadas para projetos de extensão universitária da Universidade Solidária, organização social civil de interesse público (oscp) que também ajudou a criar.

Agora está assumindo uma missão especial: recuperar o Aeroclube



“Quando faço alguma coisa, me entrego de corpo e alma, me atiro de cabeça.”

FLAVIO DUINA

do Rio Grande do Sul, atingido pela crise mundial da aviação, agravada pela situação da Varig, principal contratadora de seus pilotos. A alternativa é transformar o aeroclube num *campus* aeronáutico, instalando um Curso de Ciências Aeronáuticas, como já existe em 14 universidades brasileiras. “Poderíamos formar pilotos em todos os níveis, mecânicos, instrutores, despachantes, comissários de voo. Se conseguir isso, estarei realizado e, então, poderei pendurar as chuteiras.”

Para isso, está usando a mesma

energia que despendeu no cargo de pró-reitor de Extensão da UFRGS, entre 1996 e 2001, depois de ter sido vice-presidente da Câmara de Ciências Exatas e Tecnologia do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) e membro deste órgão, representando a categoria de professor-adjunto, quando participou do projeto de avaliação da Universidade. “Foi um dos períodos mais intensos da minha vida acadêmica. Além dos projetos sociais da Universidade, a Proext fazia muitos projetos sociais, estava sempre

cheia de alunos, cheia de professores, cheia de vida.”

Durante sua gestão, foi criado o Salão de Extensão e foram intensificados outros projetos, como o Unimúsica, o Unicena, a Rádio da Universidade e o próprio Jornal da Universidade, criado em 1997. Nesse período, Coelho de Souza ainda encontrou tempo para se envolver com o Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão, do qual foi vice-presidente, trabalhando na avaliação da extensão universitária no país.

**NÃO SE LIMITE**

“Na Agronomia, sempre briguei muito por uma coisa que agora está se disseminando por toda a Universidade: que os agrônomos não se limitassem a ser agrônomos, que fizessem algo maior do que entender de terra, água, planta e animal. O profissional tem que ser um homem que entenda de arte, que tenha cultura, que participe da construção do mundo.”

**VOAR FAZ BEM PRA ALMA**

“Voar é indescritível. Lá em cima se esquece do mundo: tudo o que te angustia ou incomoda fica lá embaixo. Se fizeres uma manobra bem-feita, vais usufruir um prazer intenso: passar no meio de uma camada de nuvens, dar um voo rasante, sobrevoar uma lagoa... Me arrepiia só por lembrar.”

**DOMINADO PELA AQUARELA**

“Pinto aquarelas (casarios e aviões) há uns 15 anos. Aprendi a técnica com Nataniel Guimarães, irmão do Josué. Muitas vezes fico dominado, varo a noite, passo dias e dias trabalhando, refazendo. Se errar uma pincelada, o trabalho fica inutilizado. Às vezes, levo quatro, cinco, dez dias para produzir uma peça.”

**NA MEDINA**

“Estive em Paris, Veneza, Roma, Madri, Lisboa, mas gosto de coisas exóticas, diferentes. Do sul da Espanha atravessei o Estreito de Gibraltar e visitei Fez, no Marrocos. Fiquei apaixonado: a medina, as mesquitas, aquele labirinto, aquele movimento. Tu estás numa ruela estreita e de repente ouves um grito, te encostas na parede, e passa um burrinho carregado de tapetes persas. É fantástico!”

**SALA DE AULA**

“Sou uma pessoa feliz. As grandes paixões da minha vida são as minhas filhas, o meu neto, a minha mulher, a aviação e ser professor. Sou essencialmente professor. A sala de aula é o lugar em que me renovo, onde coloco todo o meu ânimo, todo o meu entusiasmo.”

### A gurizada assume o Aeroclube e bota a frota no ar

Luiz Fernando, que sempre foi apaixonado por avião, entrou para o Aeroclube do Rio Grande do Sul aos 18 anos, junto com outros jovens, como Hélio Birom Maciel e Ervino Edgar Buehler, seus amigos e companheiros de Aeroclube até hoje. Só que a alegria e o entusiasmo deles contrastavam com o ambiente: o Aeroclube estava endividado, o hangar caía aos pedaços e, dos 14 aviões, só um estava em condições de voar. Mas os guris, que também tinham garra, vontade e boas

intenções, resolveram assumir a tarefa de recuperar o Aeroclube. E Luiz Fernando, que tinha tido uma infância reprimida e andava meio perdido, se achou no Aeroclube, aprendeu a ser homem entelando avião, mudando pára-brisa, pintando, consertando e depois fazendo o vôo de experiência para ver se o conserto estava bem feito. “Eu adorava aquilo, porque o vôo de experiência era de graça.” Depois de tirar o brevê, ele passou a instrutor de vôo e mais tarde a professor de teoria, sendo

eleito presidente do Aeroclube aos 23 anos de idade, com o aval dos pilotos mais velhos. Entre esses, estava Raulina de Freitas Lima, funcionária pública, solteira, a primeira a apoiar a idéia. Ela criou um livro-de-ouro e ia de porta em porta, angariando fundos para comprar gasolina, óleo, peças de reposição. Mas o que salvou o Aeroclube foi um contrato para a distribuição de jornais da Caldas Júnior no Litoral. “Passávamos em vôo rasante pelas praias e jogáva-

mos o pacote com os jornais. Fizemos isso durante três anos para a Folha da Tarde.” O dinheiro deu para colocar no ar os 13 aviões que estavam no chão. Nos últimos 15 anos, o comandante Luiz Fernando Coelho de Souza vem participando da diretoria. “Às vezes, ao embarcar num avião, sou chamado à cabine do comandante e encontro alguém daquele tempo, ou um ex-aluno do aeroclube, que está no comando de um *boeing* ou de um MD-11 (avião comercial de grande porte).”

### Tentou a medicina, mas tinha a agronomia no coração

Luiz Fernando Coelho de Souza nasceu a 2 de setembro de 1939, em Caçador (SC). O pai, Herculano Coelho de Souza, um médico idealista, faleceu no ano seguinte, aos 33 anos de idade, deixando a mulher, Neusa Carmen, de 23 anos, com três filhos e nenhum recurso. Ela entregou o

menino aos avós, e levou Moema, 3 anos, e Marília, 2 anos, para Florianópolis, onde fez um curso de francês e passou a lecionar. Mais tarde, mudou-se para Passo Fundo e buscou o filho. Lecionava de manhã, de tarde e de noite, e muitas vezes era obrigada a levar as crianças para a aula. “Ficávamos no fundo da sala, dormindo sobre as carteiras (para nós, tudo era divertido).” Aí nasceu uma grande admiração pela mãe. “Ela era uma leoa. É, ainda. Está com 89 anos, teve um AVC e ficou parálitica de um lado, mas continua sendo uma leoa.” Em 1948, quando ele estava com 9 anos, a mãe casou com o comerciante

Ernesto Fritscher, e vieram todos morar em Porto Alegre, onde, dois anos depois, nasceu Maria Elizabeth. Inicialmente, Luiz Fernando estudou no Colégio Farroupilha, mas passou dois anos no internato do Colégio Alberto Torres, em Lajeado, enquanto as irmãs ficavam na Fundação Evangélica de Novo Hamburgo. Depois, voltou a estudar no Farroupilha. O sonho da mãe era que ele seguisse os passos do pai, tinha até guardado os livros de Medicina e o ferramental de Herculano. Aquilo foi uma carga para o adolescente, acostumado a ajudar os avós no sítio. Em 1959, fez o primeiro vestibular para Medicina e rodou. No ano seguinte fez de novo e rodou. Tentou em Florianópolis e rodou também. Aí, criou coragem e disse para a mãe que não queria tirar Medicina. O oitavo

lugar no vestibular para Agronomia na UFRGS foi uma vitória para ele. Começou o curso em 1963. Não foi um aluno brilhante, mas sempre exerceu liderança. A vida dele era a Faculdade e o Aeroclube, do qual se afastou um pouco nos dois anos em que trabalhou como agrônomo na extração de pinheiros e reflorestamento, em Lages e em Santa Cecília, no planalto catarinense. Depois, fez concurso e começou a lecionar na UFRGS em 1980. Aos 30 anos, Luiz Fernando casou com Ivone Maria. Tiveram duas filhas: Martha, formada em Arquitetura, e Lúcia, que tirou Economia, mora no Rio de Janeiro e há três anos lhe deu um neto, André. Alguns anos atrás, Luiz Fernando se separou. Atualmente está casado com professora da Faculdade de Educação, Malvina Dorneles.



1964: diploma na mão e muitas idéias na cabeça

ARQUIVO PESSOAL



**Flávio Dutra**

Muito provavelmente nossa primeira fotografia foi em casa. O registro dos pais, dos irmãos, dos filhos e de suas brincadeiras. A foto de família é a primeira imagem. O destino, antes, era o álbum, uma espécie de diário íntimo, ainda que feito para ser compartilhado – o diário escrito, este sim era feito para ser guardado. Agora, além dos álbuns, o destino das imagens de casa são as páginas da Internet, os *fotoblogs* – e nem mesmo os diários escritos, os atuais *blogs*, são feitos para serem guardados (e pode-se mesmo pensar que nenhum diário tenha sido algum dia feito para assim ser mantido). Nas imagens do álbum de família, não possuem nenhuma importância considerações sobre a técnica ou a forma. As “primeiras fotografias” importam, simplesmente, pelos valores que as imagens guardam: a memória, o afeto, a intimidade. Talvez por isso, nestas imagens, nos preocupamos em colocar os objetos do registro o mais centralizado que fosse possível: no meio da fotografia nada haverá de se perder! As imagens desta página, da fotógrafa Lúcia Simon, são uma homenagem às crianças, suas brincadeiras cheias de alegria e, ao mesmo tempo, aos registros que delas fazemos. São fotografias de um álbum de família.

**LÚCIA SIMON**

# Giravoltos

“Eu preparo uma canção em que minha mãe se reconheça, todas as mães se reconheçam, e que fale como dois olhos.”

*Canção Amiga, Milton Nascimento*



“[...] a memória não filma, fotografa.”  
*A Imortalidade, Milan Kundera*